



CATOLICA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

---

PORTO

NEM SÓ VÍTIMAS, NEM SÓ AGRESSORES: VIOLÊNCIA  
BIDIRECIONAL NAS RELAÇÕES DE NAMORO E  
INFLUÊNCIA DAS CRENÇAS DE GÉNERO

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau de  
mestre em Psicologia

- Especialização em Psicologia Clínica e da Saúde -

*Maria Benedita Guedes Vaz Silva Valente*

Porto, Julho 2025



CATOLICA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

---

PORTO

NEM SÓ VÍTIMAS, NEM SÓ AGRESSORES: VIOLÊNCIA  
BIDIRECIONAL NAS RELAÇÕES DE NAMORO E  
INFLUÊNCIA DAS CRENÇAS DE GÉNERO

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau de mestre  
em Psicologia

- Especialização em Psicologia Clínica e da Saúde -

*Maria Benedita Guedes Vaz Silva Valente*

Trabalho efetuado sob a orientação de Dr. Diogo Costa

Porto, Julho 2025

## **Agradecimentos**

Ao Professor Diogo Costa, agradeço profundamente pelo apoio e orientação em todas as etapas deste processo. A sua compreensão, disponibilidade e atenção foram fundamentais para a concretização deste projeto. A finalização deste trabalho só foi possível graças à sua orientação dedicada. Não poderia ter desejado por um orientador melhor. Muito obrigada!

À Maria, que esteve comigo não só durante todo o processo de recolha de dados, mas também ao longo da realização deste projeto. Foi possível partilhar preocupações e apoiar-nos mutuamente, garantindo que nos ajudávamos uma à outra naquilo que fosse preciso. Obrigada!

À Universidade Católica Portuguesa, e mais especificamente à Faculdade de Educação e Psicologia, bem como a todos os professores que acompanharam o meu percurso académico. Foram fundamentais na construção do meu conhecimento, crescimento pessoal e são a base do meu futuro profissional. Obrigada por todo o apoio, dedicação e inspiração.

Aos meus amigos e amigas que em diferentes momentos foram fonte de distração e diversão, e noutros, uma verdadeira fonte de apoio e motivação durante todo o meu percurso. Amigas da faculdade, vou ter saudades de vos ver todos os dias, mas estou entusiasmada para ver onde cada uma de nós vai chegar. Amigos de sempre, obrigada por serem uma constante na minha vida.

Aos meus pais, irmãos e avós que, mais do que ninguém, estão incondicionalmente aqui. Obrigada por me ouvirem e apoiarem, vezes sem conta, nos momentos em que me sentia mais em baixo, mas também por celebrarem comigo as minhas conquistas. Uma menção especial à pequena Benedita (ainda temos de arranjar uma alcunha!), que foi uma enorme alegria neste ano.

## Resumo

Este estudo investigou a violência no namoro (VN) entre jovens adultos (18–25 anos), considerando o seu envolvimento enquanto vítimas, perpetradores ou ambos (bidirecional), e a sua relação com as crenças de género, aceitação da violência e dependência emocional. Utilizou-se os Revised Conflict Tactics Scales (CTS2), o Inventário de Crenças de Género (ICG), a Escala de Atitudes Sobre a Violência no Namoro (EAVN) e o Questionário de Dependência Emocional (QDE).

A amostra (de conveniência) incluiu 103 jovens (69,8% mulheres, idade média=22,59 anos). Os resultados indicaram uma elevada prevalência de VN, sendo a bidirecional o padrão de envolvimento mais comum (51,5% violência psicológica, 18,4% física e 9,7% sexual, no último ano). As crenças de género que minimizam/justificam a violência mostraram-se significativamente associadas à violência física. A aceitação da violência psicológica - sobretudo perpetrada por homens - revelou-se significativamente associada à ocorrência de violência psicológica. Já a aceitação da violência psicológica perpetrada por mulheres, associou-se significativamente à ocorrência de violência física. A dependência emocional revelou-se significativamente associada à violência psicológica e física.

Os resultados evidenciam que a violência no namoro entre jovens é frequente e não pode ser compreendida através de modelos dicotómicos ou simplistas de vítima e agressor, mas deve considerar-se a sua natureza bidirecional assim como o papel dos estereótipos de género, das atitudes que legitimam a VN e da dependência emocional.

Palavras-chave: violência no namoro, violência bidirecional, crenças de género, aceitação da violência, dependência emocional

## **Abstract**

This study investigated dating violence (DV) among young adults (18–25 years), considering their involvement as victims, perpetrators, or both, and its relationship with gender beliefs, acceptance of violence, and emotional dependency. For this purpose, the Revised Conflict Tactics Scales (CTS2), the Gender Beliefs Inventory (ICG), the Attitudes Toward Dating Violence Scale (EAVN), and the Emotional Dependency Questionnaire (QDE) were used.

The convenience sample included 103 young people (69.8% women; mean age = 22.59 years). Results indicated a high prevalence of DV, with the bidirectional pattern being the most common (51,5% psychological, 18,4% physical e 9,7% sexual violence, during the past year). Gender beliefs that minimize or justify violence were significantly associated with physical violence. Acceptance of psychological violence—particularly perpetrated by men—was significantly associated with the occurrence of psychological violence. Meanwhile, acceptance of psychological violence perpetrated by women was significantly associated with physical violence. Emotional dependency was significantly associated with both psychological and physical violence.

Overall, the findings highlight that dating violence among young people is frequent and cannot be understood through dichotomous or simplistic models of victim and perpetrator. Instead, its bidirectional nature, as well as the role of gender stereotypes, attitudes that legitimize violence, and emotional dependency, must be considered.

Keywords: dating violence, bidirectional violence, gender beliefs, acceptance of violence, emotional dependency

## Índice

|  |           |
|--|-----------|
| <b>Enquadramento teórico .....</b>   | <b>1</b>  |
| 1 - Violência interpessoal .....   | 1         |
| 1.1 - Definições .....   | 1         |
| 1.2 – Principais tipos de Violência .....  | 1         |
| 2 – Prevalência da violência no namoro .....   | 2         |
| 3 – Impacto da experiência de violência no namoro para a saúde mental.....   | 3         |
| 4 - Teorias explicativas.....  | 4         |
| 5 - A violência no namoro em jovens adultos/estudantes universitários.....   | 5         |
| 6 - Unidirecionalidade vs Bidirecionalidade .....  | 5         |
| 7 - O papel das crenças de género na violência no namoro.....  | 6         |
| 8 - O papel da aceitação da violência na violência no namoro.....  | 6         |
| 9 - O papel da dependência emocional na violência no namoro .....  | 7         |
| <b>Metodologia.....</b>  | <b>8</b>  |
| Instrumentos .....   | 8         |
| Procedimentos .....  | 10        |
| Procedimento de recolha de dados.....  | 10        |
| Procedimento de Análise de Dados .....   | 11        |
| <b>Resultados .....</b>  | <b>13</b> |
| Amostra .....  | 13        |
| Crenças de género, dependência emocional e aceitação da violência .....  | 13        |
| Prevalência da violência no namoro .....   | 15        |
| Prevalência total da violência no namoro .....   | 15        |
| Prevalência da violência no namoro (unidirecional e bidirecional) entre os géneros.....  | 16        |
| Análise bivariada: associação entre as variáveis (características sociodemográficas, crenças de género, aceitação da violência e dependência emocional) e tipos de violência (psicológica, física e sexual)..... | 18        |
| Regressão logística para os diferentes tipos de violência.....   | 23        |
| Regressão logística para violência psicológica.....  | 23        |
| Regressão logística para violência física .....  | 26        |
| Regressão Logística para violência sexual .....  | 28        |
| <b>Discussão .....</b>   | <b>29</b> |
| <b>Conclusão .....</b>   | <b>35</b> |

|   |           |
|---|-----------|
| Limitações .....                          | 36        |
| Sugestões para investigações futuras..... | 36        |
| Implicações práticas .....                | 37        |
| <b>Referências bibliográficas.....</b>    | <b>38</b> |
| <b>Anexos .....</b>                       | <b>47</b> |

## Índice de Tabelas

|   |    |
|---|----|
| <b>Tabela 1</b> - Características sociodemográficas, crenças de gênero, atitudes sobre violência no namoro e dependência emocional .....  | 14 |
| <b>Tabela 2</b> - Prevalência da violência no namoro no último ano e ao longo da vida - subescalas do CTS2 - Revised Conflict Tactics Scales .....                                | 16 |
| <b>Tabela 3</b> - Diferença entre gêneros na prevalência da violência no namoro no último ano - subescalas do CTS2 - Revised Conflict Tactics Scales.....                         | 17 |
| <b>Tabela 4.1</b> - Características sociodemográficas, pontuações no ICG, EAVN e QDE, de acordo com a experiência de violência psicológica (sem violência/alguma violência).....  | 18 |
| <b>Tabela 4.2</b> - Características sociodemográficas, pontuações no IC, EAVN e QDE, de acordo com a experiência de violência física (sem violência/alguma violência) .....       | 20 |
| <b>Tabela 4.3</b> - Características sociodemográficas, pontuações no ICG, EAVN e QDE, de acordo com a experiência de violência sexual (sem violência/alguma violência).....       | 22 |
| <b>Tabela 5</b> - Modelo de regressão logística bruto: associação entre a exposição a violência, características sociodemográficas e pontuações no IC, EAVN, QDE - Modelo 0 ..... | 24 |
| <b>Tabela 5.1</b> - Modelo de regressão logística ajustado: associação entre a exposição a violência, características sociodemográficas e pontuações no ICG - Modelo 1 .....      | 25 |
| <b>Tabela 5.2</b> - Modelo de regressão logística ajustado: associação entre a exposição a violência, características sociodemográficas e pontuações no EAVN - Modelo 2.....      | 27 |
| <b>Tabela 5.3</b> - Modelo de regressão logística ajustado: associação entre a exposição a violência, características sociodemográficas e pontuações no QDE - Modelo 3 .....      | 28 |

## **Enquadramento teórico**

### **1 - Violência interpessoal**

#### **1.1 - Definições**

A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2025) define a violência como “a ameaça ou a prática do uso intencional de força física ou poder contra si mesmo, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resulte ou possa resultar em sofrimento, que implique risco de lesão, morte, dano psicológico, privação ou prejuízos ao desenvolvimento”. Esta definição parece ser particularmente adequada, por ser ampla e incluir diferentes formas de violência (autodirigida, interpessoal e coletiva) e tipos de violência (como a violência física, psicológica, sexual e negligência).

A violência interpessoal pode ser dividida em dois grandes grupos: violência familiar e entre parceiros íntimos, e violência comunitária, que ocorre fora do ambiente familiar e inclui atos aleatórios de violência, como agressões por desconhecidos ou violência em instituições (Krug et al., 2002). Entre as diferentes formas de violência interpessoal, a violência no namoro (VN) destaca-se, pois surge como uma forma frequentemente invisível de violência. As vítimas, muitas vezes, têm dificuldade em reconhecer comportamentos violentos na relação, principalmente devido à normalização e aceitação da violência (Fernández-Antelo et al., 2020). Estes processos sociais e culturais, que legitimam e banalizam os comportamentos abusivos, contribuem para perpetuar a violência, dificultando a intervenção por parte de terceiros (Fernández-Antelo et al., 2020; Krug et al., 2002).

A VN pode ser definida como o “comportamento de um parceiro íntimo ou ex-parceiro que causa danos físicos, sexuais ou psicológicos, incluindo agressão física, coerção sexual, abuso psicológico e comportamentos controladores” (OMS, 2024). Segundo a Centers for Disease Control and Prevention (CDC, 2023), a VN ocorre entre dois membros de uma relação que namoram sem coabitar e com a intenção implícita ou explícita de continuar o relacionamento até que um dos membros o termine ou até que se estabeleça um relacionamento de maior compromisso. Neste sentido, a VN estabelece-se como um tipo de violência entre parceiros íntimos ou *intimate partner violence* (IPV), já que contempla tanto relações conjugais (ou seja, violência doméstica) como relações românticas não conjugais (OMS, 2022a).

#### **1.2 – Principais tipos de Violência**

A violência física refere-se a agressão física ou ameaça de agressão física, incluindo

comportamentos tais como: lançar objetos contra a vítima, ameaçar com uma arma, esbofetear, espancar e estrangular (Cotter, 2021). A violência sexual refere-se a qualquer comportamento sexual, tentativa de obtenção de ato sexual ou outro ato dirigido contra a sexualidade de uma pessoa por meio de coerção. A título de exemplo, pode incluir comportamentos tais como violação sexual (penetração da vulva ou ânus com alguma parte do corpo ou objeto), tentativa de violação sexual, toques sexuais indesejados ou outros que não impliquem contacto (OMS, 2024). A violência psicológica é caracterizada por comportamentos que podem comprometer o bem-estar mental, emocional e financeiro do indivíduo, bem como comportamentos que interfiram com a sua liberdade individual ou sensação de segurança. Este tipo de violência pode incluir comportamentos tais como: ciúmes, insultar, *stalking* ou assediar, manipular, culpabilizar o parceiro de causar o próprio comportamento abusivo ou violento, entre outros (Cotter, 2021). Existem outros tipos de violência mais específicos e menos frequentes que surgem na literatura, tais como violência económica (e.g., Alkan et al., 2021) ou controlo coercivo (e.g., Stark & Hester, 2019). No entanto, este estudo irá focar-se nos mais comumente reportados na literatura. (e.g., Black et al., 2011; Machado et al., 2010; Smith et al., 2009)

## **2 – Prevalência da violência no namoro**

A VN, ao longo dos anos, tem sido entendida como um problema de saúde pública (e.g., Black et al., 2011; Machado et al., 2010; Smith et al., 2009). Estudos mais recentes têm confirmado dados de prevalência elevados, evidenciando que a VN continua a ser um fenómeno de grande relevância. A título de exemplo, um estudo de Cénat et al. (2022), concluiu que, dos jovens inquiridos (com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos), 46% a 59.5% tinham experienciado pelo menos um comportamento violento numa relação de namoro no último ano. A nível nacional, um estudo de Neves et al. (2023) concluiu que, mais de metade dos participantes foram vítimas (53,7%) e 34% perpetraram violência numa relação de namoro. Uma revisão sistemática de Tomaszewska e Schuster (2021), que contemplou dados desde 2010, indicou alguma variabilidade na prevalência de diferentes formas de VN. Para mulheres e homens, respetivamente, a violência psicológica variou de 5,9% a 95,5% e de 5,6% a 94,5%; a violência física de 2,2% a 32,9% e de 0,8% a 29,8%; a violência sexual de 4,8% a 41,0% e de 2,4% a 39,0%.

É importante referir que os dados de prevalência devem ser interpretados considerando a variabilidade da conceptualização do fenómeno, de conceitos e da operacionalização de construtos específicos (Hardesty & Ogolsky, 2020). Por exemplo, alguns estudos utilizam a

terminologia *dating violence* (e.g., Piolanti & Foran, 2022), enquanto outros estudos se referem a *intimate partner violence* (e.g., Moreira & Costa, 2020).

### **3 – Impacto da experiência de violência no namoro para a saúde mental**

A VN pode ter repercussões significativas na saúde mental das vítimas, estando associada a ansiedade, depressão e perturbação de stress pós-traumático em ambos os sexos (Yanez-Peñúñuri et al., 2023). Principalmente no caso das mulheres, estas consequências podem ainda incluir o desenvolvimento de perturbações do comportamento alimentar e a ocorrência de comportamentos autolesivos com intenção suicida (Breiding et al., 2015; Hines et al., 2016). Importa destacar que os perpetradores também podem apresentar a mesma sintomatologia, frequentemente associada a sentimentos de culpa ou vergonha e, nalguns casos, da junção desses sentimentos com experiências passadas de vitimização (Yanez-Peñúñuri et al., 2023).

No entanto, tal como referido pela OMS (2022b), a saúde mental é muito mais do que a ausência de doença e constitui-se como uma componente fundamental do bem-estar e da qualidade de vida. Neste sentido, não se deve apenas abordar as condições mentais, sendo igualmente importante abordar as experiências emocionais complexas, o sofrimento e o impacto no funcionamento. Ainda que os jovens possam minimizar os efeitos da violência caso a percebam como normativa, a experiência de vitimização está associada a níveis mais baixos de bem-estar e qualidade de vida (Sánchez-Zafra et al., 2024). Relativamente à experiência emocional, o medo destaca-se como uma experiência comum e afeta significativamente as vítimas, contribuindo para que se mantenham na relação abusiva (Barroso-Corroto et al., 2024; Lagdon et al., 2014). Cotter (2021) referiu que esta experiência é mais comum nas mulheres do que nos homens, sendo que 37% das mulheres e apenas 9% dos homens tinham tido essa experiência. Ainda assim, tanto os homens como as mulheres podem relatar sentir-se ansiosos, nervosos, controlados e/ou presos.

O estudo de Amar e Alexy (2005) procurou explorar as experiências de vitimização de alunas universitárias, tendo referido que o sofrimento emocional foi a experiência mais comum. As participantes descreveram emoções como raiva, culpa, medo, depressão e colapsos emocionais, bem como sintomas consistentes com perturbação de stress pós-traumático. Para além disso, revelaram que a VN começou a interferir com futuros relacionamentos amorosos, manifestando-se na dificuldade em confiar em futuros parceiros e receio de se aproximarem de outros. Em concordância, um estudo mais recente confirmou algumas dessas experiências, acrescentando a ocorrência de insónias, pesadelos, falta de apetite, início do tabagismo e baixo

rendimento acadêmico (Barroso-Corroto et al., 2024).

#### 4 - Teorias explicativas

A teoria feminista entende que a VN decorre da exercício de poder e controle do homem sobre a mulher numa relação de namoro, mediado por um contexto sociocultural caracterizado por desigualdade de gênero (Hester & Donovan, 2009). No caso da perpetração por parte da mulher, a violência é entendida como um comportamento de autodefesa, retaliação ou prevenção contra a violência masculina (Burelomova et al., 2018). Teorias feministas mais recentes contemplam outro tipo de desigualdades socioculturais - como racismo, classicismo e ableísmo -, para explicar outras dinâmicas mais complexas, tal como a VN em relações homossexuais (Hester & Donovan, 2009). De maneira semelhante, a teoria do poder e controle propõe que, num contexto de desigualdade de gênero estrutural, quando o homem carece de recursos ou tem falta de controle percebido na relação, pode utilizar violência como um meio de manter ou recuperar esse controle, não excluindo necessariamente a eventualidade de existir violência perpetrada por ambas as partes (Stark, 2010).

Considerando outras perspectivas, algumas teorias explicativas deste fenômeno decorrem da aplicação da teoria da aprendizagem social (Bandura, 1977), nomeadamente, a teoria da transmissão intergeracional da violência (Widom, 1989) e a *background-situational theory* (Riggs & O’Leary, 1996). A primeira considera que presenciar ou experienciar violência na infância pode resultar na modelação de comportamentos de violência e, consequentemente, aumentar o risco de perpetrar violência em relações íntimas futuras. Concretamente, estas experiências podem implicar perceber comportamentos de violência como métodos aceitáveis de resolução de conflitos (Widom, 1989). É de relevância assinalar que esta não é uma relação que se possa estabelecer de forma determinista, até porque nem todas as crianças expostas a estas experiências se tornam violentas (Widom, 1989). Neste sentido, a *background-situational theory* pode prestar uma compreensão mais fiel do fenômeno, sendo que pressupõe que é a interação entre fatores contextuais - como presenciar ou experienciar violência na infância -, e fatores situacionais - tais como conflitos interpessoais, consumo de substâncias e satisfação com a relação -, que pode determinar a perpetração de VN (Riggs & O’Leary, 1996). Assim, os fatores contextuais podem ser promotores de padrões de comportamento agressivos, enquanto os fatores situacionais contribuem para conflitos na relação, aumentando o risco de manifestar comportamentos de violência na relação (Riggs & O’Leary, 1996).

À parte das teorias descritas, diversos estudos (e.g., Capaldi et al., 2007) têm referido a reciprocidade da violência. Por exemplo, Johnson (2008) criou quatro tipologias de violência

em que apenas uma delas se refere a violência unidirecional: (1) *terrorismo íntimo* em que apenas um dos elementos da relação é perpetrador, exercendo violência de forma continuada e com tendência para escalar (geralmente associada ao homem); (2) *resistência violenta* que ocorre quando um dos membros é violento e o outro responde com comportamentos violentos com o intuito de se defender (geralmente associado à mulher); (3) *violência conjugal situacional* que se refere a situações específicas em que o conflito e as emoções podem escalar para comportamentos de violência de ambas as partes, ocorrendo esporadicamente; (4) *controle mútuo* em que os elementos do casal são vítimas e agressores, exercendo controle e tendo comportamentos violentos mutuamente.

A teoria feminista e a teoria do poder e do controle fornecem uma lente importante ao interpretar a VN como um reflexo de desigualdades de gênero, enquanto as teorias da aprendizagem social, apontam para a possibilidade de reprodução de comportamentos violentos observados durante a infância mediante fatores situacionais. As teorias complementam-se ao sugerirem como as estruturas sociais e culturais e fatores psicossociais, podem ser fatores importantes da perpetração de violência nos relacionamentos íntimos.

## **5 - A violência no namoro em jovens adultos/estudantes universitários**

A fase de desenvolvimento entre os 18 e os 24 anos parece ser um período de risco para a ocorrência de VN (Black et al., 2011). Concretamente, diversos estudos têm assinalado jovens universitários como um grupo de risco, considerando os elevados dados de prevalência (Moreira et al., 2019). A título de exemplo, um estudo de Neves et al. (2020), indicou que 53,9% e 35% dos participantes estudantes universitários, já sofreram e praticaram pelo menos um ato de VN, respetivamente. Desta forma, é importante contextualizar estes dados à luz das características únicas desta fase de desenvolvimento. A transição dos estudantes universitários para a idade adulta, é marcada por múltiplos desafios e mudanças significativas. Durante este período, surge a necessidade de adaptação da adolescência para a idade adulta, sendo esta fase caracterizada pela procura de relações de intimidade e pelo esforço para alcançar objetivos de carreira (Chen et al., 2024). Neste sentido, esta fase pode significar uma vulnerabilidade acrescida para experienciar emoções negativas e comportamentos de violência (Chen et al., 2024) e, sendo assim, torna-se pertinente estudos sobre este fenómeno nesta faixa etária.

## **6 - Unidirecionalidade vs Bidirecionalidade**

A violência unidirecional ocorre quando um parceiro é agressor e o outro é vítima (Bates, 2016). Em contraste, a violência bidirecional ocorre quando ambos os parceiros são

perpetradores e vítimas de violência (e.g., Machado et al., 2023). Neste sentido, é frequente que esta reciprocidade da violência ocorra enquanto resposta a comportamentos violentos perpetrados pelo parceiro (Lewis & Fremouw, 2001). Ainda assim, é também comum um dos parceiros ter um comportamento violento num momento concreto e o outro parceiro ter um comportamento violento noutra altura (Palmetto et al., 2013).

Este tipo de violência é mais prevalente de forma bidirecional, por exemplo, um estudo de Cunha et al. (2023) referiu que, em Portugal, 31,3% dos participantes tinham reportado violência bidirecional, enquanto apenas 3,9% e 2,4% tinham reportado perpetrar violência e serem vítimas, respetivamente.

## **7 - O papel das crenças de género na violência no namoro**

As crenças de género podem ser definidas como pensamentos, atitudes e expectativas sociais acerca daquilo que é considerado normativo para cada género, normalmente num ponto de vista binário (Neves et al., 2023). As crenças de género desempenham um papel significativo na perpetuação da VN. Diversos estudos, como o realizado por Llano-Suárez et al. (2021), têm mostrado que as crenças de género mais conservadoras estão fortemente associadas à perpetuação de violência e à vitimização. Concretamente, estas crenças frequentemente perpetuam estereótipos de género prejudiciais, nos quais o sexo masculino é associado a características como agressividade, poder e força, enquanto o sexo feminino é associado a fraqueza e vulnerabilidade (Hine, 2019). Estas crenças podem significar uma organização cognitiva que tolera/normaliza dominância masculina, manifestando-se na perpetuação de comportamentos agressivos por parte dos homens e vitimização das mulheres (Flood & Pease, 2009; Reyes et al., 2016). Simultaneamente, a crença de que os homens são mais agressivos e fortes e que as mulheres são mais fracas e vulneráveis, pode influenciar a capacidade de identificar e rotular homens como vítimas e mulheres como perpetradoras, mesmo em situações em que a violência é predominantemente perpetrada por mulheres (Hine, et al., 2020). Estes estereótipos podem propiciar a aceitação da violência dentro dos relacionamentos de namoro, contribuindo para um ciclo de perpetuação.

## **8 - O papel da aceitação da violência na violência no namoro**

A aceitação da violência refere-se à aprovação, tolerância ou permissividade face a comportamentos violentos, podendo ainda manifestar-se na minimização da sua gravidade ou na legitimação das agressões, por via da culpabilização da vítima e da justificação das ações do agressor (Flood & Pease, 2009; Gracia et al., 2020). Estudos anteriores (e.g., Choi et al., 2017; Fernández-Antelo et al., 2020; Fernández-González et al., 2019; Temple et al., 2016) apontam que atitudes mais tolerantes em relação à violência se constituem como um fator de risco tanto para a vitimização como para a perpetração. Por exemplo, um estudo longitudinal demonstrou que a aceitação da violência foi preditora da perpetração de comportamentos violentos no namoro dois anos depois (Fernández-González et al., 2019). Simultaneamente, de acordo com os resultados do estudo de Rojas-Solís e Romero-Méndez (2022), propuseram que a normalização de comportamentos violentos, como o controlo ou a agressão verbal, pode levar à sua integração nas dinâmicas relacionais quotidianas, especialmente em relações com violência bidirecional. Adicionalmente, a baixa perceção da gravidade da violência, frequentemente associada à interiorização de estereótipos de género ou à minimização das agressões, tende a dificultar a identificação da situação abusiva e a procura de apoio por parte das vítimas. É importante referir que, tal como sugerido por Mueller et al. (2012), ser vítima ou perpetrador de VN pode levar os indivíduos a ajustar as suas crenças de forma a diminuir a dissonância cognitiva, contribuindo para a normalização progressiva da violência nas relações de namoro. Neste sentido, a aceitação da violência pode ser um fator de risco para a ocorrência de VN, mas a própria experiência de VN pode ser também o fator de risco para o desenvolvimento de atitudes mais tolerantes face à violência.

## **9 - O papel da dependência emocional na violência no namoro**

A dependência emocional é caracterizada por um padrão de comportamento em que o indivíduo procura, de forma persistente, satisfazer as suas necessidades afetivas através das relações interpessoais (Lemos et al., 2012). Este padrão pode manifestar-se por comportamentos de possessividade, exaustão emocional intensa, necessidade constante de afeto, sentimentos negativos e preferência por relações assimétricas, nas quais assume uma posição subordinada face ao parceiro (Lemos et al., 2012). Diversos estudos (e.g., Macía et al., 2022; Damonti e Leach, 2021; Momeñe et al., 2022) têm evidenciado associações significativas entre a dependência emocional e a vitimização e/ou perpetração da VN. Por exemplo, Damonti e Leach (2021) verificaram que indivíduos com níveis mais elevados de dependência emocional

apresentavam uma maior probabilidade de entrar e manter-se em relações violentas, em função da sua necessidade de afeto e do medo do abandono. Adicionalmente, Skvortsova e Shumskiy (2014) observaram que algumas vítimas de VN relataram níveis de sofrimento semelhantes durante a relação e após a ruptura, ou até superiores após o término, devido ao vazio emocional e à dificuldade em lidar com a separação. Por sua vez, Marcos et al. (2020) identificaram que indivíduos emocionalmente dependentes poderiam adotar comportamentos agressivos de forma reativa a conflitos relacionais, ou de forma proativa, como estratégia para manter a proximidade emocional e evitar a ruptura.

O presente estudo procura investigar a violência bidirecional nas relações de namoro que é um fenómeno que permanece pouco estudado e aprofundado comparativamente à violência unidirecional. Concretamente, em Portugal, a investigação mantém-se centrada numa análise unidirecional da VN, enquanto apenas alguns estudos se centram na bidirecionalidade da violência (Cunha et al., 2023). Para além disso, tal como referido anteriormente, já existe uma vasta literatura que identifica fatores de risco associados à VN – como as crenças de género, a dependência emocional e a aceitação da violência (e.g. Llano-Suárez et al., 2021; Neves et al., 2023; Momeñe et al., 2022). No entanto, é importante assinalar que a associação destas variáveis foi (predominantemente) estudada de um ponto de vista unidirecional, em que a vitimização e a perpetração são estudadas de forma isolada. Desta forma, são escassos os estudos que procuram compreender de que forma é que estes fatores podem estar associados à assunção simultânea dos papéis de agressor e vítima. Adicionalmente, o foco na faixa etária dos 18 aos 25 anos traz um valor acrescido ao estudo, por incidir sobre uma fase de desenvolvimento de maior vulnerabilidade para a ocorrência de VN (Chen et al., 2024).

Assim, os objetivos específicos são: (1) Investigar a associação entre as crenças de género e a ocorrência de violência bidirecional nas relações de namoro em jovens dos 18 aos 25 anos; (2) Examinar a relação entre a aceitação da violência e a ocorrência de violência bidirecional nas relações de namoro em jovens dos 18 aos 25 anos; (3) Investigar a associação entre a dependência emocional e a ocorrência de violência bidirecional em relações de namoro em jovens dos 18 aos 25 anos.

## **Metodologia**

### **Instrumentos**

Para a recolha de dados, foi utilizado um questionário composto por várias partes (ver Anexos). A primeira parte incide sobre dados sociodemográficos que inclui informações como idade (18 até 25 anos), género (masculino, feminino ou outro), orientação sexual (heterossexual,

homossexual, bissexual ou outro), escolaridade (ensino secundário incompleto, ensino secundário, licenciatura em curso, licenciatura, pós-graduação/mestrado em curso; pós-graduação/mestrado; doutoramento em curso; doutoramento), estado civil (solteiro/a, em relação de namoro, casado/a/união de facto, separado/a/divorciado/a, outro), e histórico de relacionamentos (está atualmente numa relação íntima, já esteve envolvido/a numa relação íntima).

Para avaliar a violência bidirecional e unidirecional nas relações de namoro, utilizou-se a versão portuguesa do “*Revised Conflict Tactics Scales*” (CTS2) (Figueiredo & Alexandra, 2006). O CTS foi desenvolvido por Straus (1979) com o intuito de avaliar a frequência e a natureza das estratégias utilizadas para resolver conflitos numa relação, tendo desenvolvido posteriormente uma versão revista do mesmo (Straus et al., 1996). Permite obter informações dos dois membros da relação, comparar respostas quando administrado a ambos e determinar as táticas de resolução de problemas, ainda que um deles não seja diretamente avaliado (Straus et al., 1996). É possível determinar a prevalência e cronicidade no último ano e global. Este instrumento é composto por 39 itens, pareados em perguntas destinadas ao participante e ao parceiro, tendo, portanto, um total de 78 perguntas (Straus et al., 1996). Avalia diferentes tipos de violência, nomeadamente, psicológica (16 itens), física (24 itens), sexual (14 itens) e lesões (12 itens), e ainda uma subescala de negociação (16 itens). Numa amostra portuguesa, o instrumento apresentou um valor de alpha de Cronbach de  $\alpha = .79$  para perpetração e  $\alpha = .80$  para a vitimização (Figueiredo & Alexandra, 2006).

Para avaliar as crenças de género, utilizou-se o “*Inventário sobre Crenças de Género*”, composto por 24 itens, numa escala Likert de zero a dois (discordo, não concordo nem discordo e concordo) - por exemplo, "Mulheres que não querem ser mães não são mulheres de verdade"; "Mulheres são vítimas de violência sexual porque provocam os homens"; ou "Mulheres e homens devem partilhar as tarefas domésticas" (Neves et al., 2023). A soma das respostas é usada para medir as crenças de género: valores mais altos refletem crenças mais conservadoras. Para além disso, é composto por três subescalas – família (8 itens); atribuições de género (7 itens); violência (9 itens). O valor alpha de Cronbach foi de  $\alpha = .778$  (Neves et al., 2023).

A “*Escala de Atitudes sobre a Violência no Namoro*” é uma versão adaptada da “*Attitudes Toward Dating Violence Scale*”, criada e validada por Price et al. (2000), foi utilizada para avaliar a aceitação e tolerância à violência. Trata-se de um instrumento de autorrelato, composto por 76 itens, que estão organizados em três subescalas que avaliam as atitudes em relação à violência masculina no namoro e outras três subescalas focadas nas

atitudes em relação à violência feminina. O objetivo da escala é medir as atitudes dos indivíduos perante diferentes formas de violência, incluindo a violência psicológica, física e sexual nas relações de namoro. É composto por uma escala de Likert de 1 – 5 (Discordo totalmente; discordo; não concordo, nem discordo; concordo; concordo totalmente). A pontuação da escala é dada pelo somatório das pontuações dos itens. Valores mais elevados indicam atitudes mais tolerantes face à VN.

O “*Questionário de Dependência Emocional*” (Lemos & Londoño, 2006; Rodrigues & Arantes, 2021), foi utilizado para avaliar a dependência emocional em jovens adultos. O instrumento é constituído por 23 itens e composto por uma escala de Likert de 1 a 6 (completamente falso sobre mim; maioritariamente falso sobre mim; ligeiramente mais verdadeiro do que falso; moderadamente verdadeiro sobre mim; maioritariamente verdadeiro sobre mim; descreve-me perfeitamente). O questionário está dividido em 6 fatores, nomeadamente: 1) ansiedade de separação; 2) expressão emocional; 3) alteração de planos; 4) medo de ficar sozinho; 5) expressão borderline; 6) procura de atenção. A pontuação total da escala é obtida a partir da soma de todos os itens e indivíduos com um valor igual ou superior a 81 encontram-se num nível clínico de dependência emocional. Relativamente às qualidades psicométricas, o Alpha de Cronbach sugeriu boa consistência interna ( $\alpha=0,91$ ) numa amostra portuguesa (Rodrigues & Arantes, 2021).

Os participantes, ao acederem ao formulário, tiveram acesso a informações detalhadas sobre o estudo (em Anexo), ao consentimento informado (em Anexo) e ao questionário sociodemográfico, que permitiu recolher dados pertinentes tanto para a caracterização da amostra, como também para a verificação do cumprimento dos critérios de inclusão definidos.

## **Procedimentos**

### **Procedimento de recolha de dados**

O protocolo do estudo foi submetido à Comissão de Ética em Tecnologia, Ciências Sociais e Humanidades da Universidade Católica Portuguesa e obteve parecer favorável (ref. CETCH2024-97). A recolha de dados foi realizada através de um formulário online (Google Forms), que incluía consentimento informado, o questionário sociodemográfico e os instrumentos mencionados anteriormente. Para a divulgação do estudo (entre dezembro de 2024 e março de 2025), foi elaborado um email com os objetivos da investigação, a identificação dos autores e o link para o formulário. Este email foi enviado a 20 universidades e a mais de 20 associações de estudantes portuguesas, incluindo instituições como a Universidade de Lisboa, Universidade do Algarve, Universidade Aberta, Universidade de Aveiro, Universidade da Beira

Interior, Universidade Nova de Lisboa, Universidade dos Açores, Universidade da Madeira e Universidade de Coimbra, entre outras. Recebemos sete respostas: algumas recusaram o pedido de divulgação, outras informaram que o pedido seria analisado e algumas solicitaram a apresentação de um parecer favorável da Comissão de Ética da Universidade Católica Portuguesa - que foi fornecido. Após este envio, não foram obtidas novas respostas.

Paralelamente, o link do formulário foi também disseminado através de redes sociais como o *Instagram* e o *WhatsApp*, tendo sido solicitado o seu encaminhamento ao público-alvo, quer online, quer presencialmente.

Os participantes, ao acederem ao formulário, tiveram acesso a informações detalhadas sobre o estudo (em Anexo), ao consentimento informado (em Anexo) e ao questionário sociodemográfico, que permitiu recolher dados pertinentes tanto para a caracterização da amostra, como também para a verificação do cumprimento dos critérios de inclusão definidos.

### **Procedimento de Análise de Dados**

O tratamento e a análise de dados foram realizados através do *Software Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS, versão 29), para investigar a associação entre as variáveis e retirar inferências acerca dos dados a partir de valores estatisticamente significativos.

Relativamente às variáveis de VN, foram consideradas as subescalas do CTS2, especificamente negociação (cognitiva e emocional), violência psicológica, física, sexual e lesões. Derivaram-se variáveis correspondentes à prevalência de cada tipo de violência (experiência de pelo menos um ato de cada tipo de violência no último ano ou alguma vez na vida), tendo em conta as experiências de vitimização e de perpetração separadamente. Para os quatro tipos de violência, criam-se também variáveis correspondentes ao tipo de envolvimento (apenas vítimas, apenas agressores, bidirecional e sem experiência de violência). Paralelamente, foram criadas variáveis dicotómicas que agregaram a experiência de algum tipo de violência (0 = sem violência; 1 = alguma violência). Para o ICG, QDE e EAVN calculou-se a soma de todos os itens das respetivas subescalas (tendo sido realizada a inversão dos itens necessários). Assim, para o ICG foram criadas as variáveis “família”, “atribuições de género” e “violência”; para o QDE foram criadas as variáveis “ansiedade de separação”, “expressão afetiva”, “modificação de planos”, “expressão borderline”, “procura de atenção”, “medo da solidão” e score total; e para o EAVN foram criadas a “violência psicológica masculina”, “violência física masculina”, “violência psicológica feminina” e “violência física feminina”.

Para garantir o cumprimento dos critérios de inclusão, foi realizada uma análise de tabelas cruzadas entre a variável “está atualmente numa relação de namoro” e “já esteve numa relação de namoro anteriormente”. A partir desta análise, tornou-se evidente que alguns participantes indicaram estar atualmente numa relação de namoro, mas não reportaram experiências de relação de namoro anteriores. Esta análise pode indicar que alguns participantes se encontravam na primeira experiência de relação de namoro e/ou que existem variações na atribuição de significado ao conceito de “relação de namoro” – alguns podem ter considerado apenas relações com compromisso formal, desconsiderando relações mais informais.

Inicialmente, recorreu-se à estatística descritiva, com o intuito de caracterizar a amostra e descrever os dados recolhidos, nomeadamente, através de medidas de tendência geral (média) e de dispersão (desvio-padrão), bem como frequências e percentagens, conforme a natureza das variáveis. Posteriormente, recorreu-se à estatística inferencial para estabelecer relações entre variáveis e testar as hipóteses do estudo (Howell, 2010; Martins, 2011). Para este efeito, foram realizados testes t para amostras independentes e testes do qui-quadrado com o objetivo de comparar os grupos "alguma violência" e "sem violência" relativamente às variáveis contínuas do estudo, nomeadamente variáveis sociodemográficas, crenças de género, dependência emocional e aceitação da violência no namoro. Por fim, foram estimados modelos de regressão logística binária, para identificar os fatores associados com a experiência de VN. Foram calculados modelos brutos ou simples, para estimar a associação entre cada tipo de VN como variável dependente (variáveis dicotomizadas para a violência psicológica, física e sexual) com as características sociodemográficas (género, escolaridade, estar atualmente numa relação de namoro e já esteve numa relação de namoro) e as pontuações das subescalas do IGC, EAVN e QDE. Seguidamente foram calculados modelos ajustados para as mesmas variáveis dependentes (i.e., um modelo para cada tipo de violência, psicológica, física, sexual), incluindo as características sociodemográficas listadas como variáveis independentes e as subescalas descritas, mas uma em cada modelo: isto é, modelo ajustado 1, incluiu as variáveis sociodemográficas e as dimensões do IGC como independentes (um modelo para cada tipo de violência); modelo ajustado 2, incluiu as variáveis sociodemográficas e as dimensões do EAVN; modelo ajustado 3, incluiu as variáveis sociodemográficas e as dimensões do QDE.

As magnitudes das associações são expressas em Odds Ratios (OR) e respetivos intervalos de confiança a 95%. Um valor de  $p < 0.05$  foi considerado estatisticamente significativo. Na análise bivariada e nos modelos de regressão, optou-se por não incluir as variáveis “estado civil” e “orientação sexual”, porque a maioria dos participantes se encontrava apenas numa das categorias (nomeadamente, 98,1% eram solteiros e 86,4% eram heterossexuais).

## Resultados

### Amostra

Como demonstrado na Tabela 1, a amostra do estudo é composta por 103 participantes, com idades compreendidas entre os 18 e os 25 anos (Média,  $M=22,59$ ; Desvio Padrão,  $DP=1,84$ ). No que diz respeito ao género, 69,9% dos participantes ( $n=72$ ) identificaram-se como do sexo feminino, enquanto 30,1% ( $n=31$ ) relataram ser do sexo masculino.

Relativamente à orientação sexual, a maioria dos participantes identificou-se como heterossexual ( $n=89$ ; 86,4%), seguindo-se bissexuais ( $n=8$ ; 7,8%), homossexuais ( $n=5$ ; 4,9%) e pansexuais ( $n=1$ ; 1,0%). Quanto à escolaridade, os dados indicam níveis de escolaridade elevados, sendo que 24,3% ( $n=25$ ) dos participantes concluíram o ensino secundário e/ou têm a licenciatura em curso, 59,2% ( $n=61$ ) concluíram a licenciatura e/ou têm o mestrado/pós-graduação em curso, e 16,5% ( $n=17$ ) concluíram o mestrado, pós-graduação ou doutoramento. Sobre o estado civil dos participantes, a maioria é solteira (98,1%;  $n=101$ ), sendo que os restantes (1,9%;  $n=2$ ) estão casados ou em união de facto. Ainda assim, 68% ( $n=71$ ) estão atualmente numa relação e 86,4% ( $n=89$ ) já estiveram numa relação.

### Crenças de género, dependência emocional e aceitação da violência

No que diz respeito às crenças de género, os dados sugerem uma adesão globalmente reduzida a visões tradicionais entre os participantes. As pontuações médias obtidas nas três subescalas foram relativamente baixas, destacando-se a subescala “atribuições de género” como a mais elevada ( $M=2,42$ ;  $DP=2,62$ ), seguida da subescala “violência” ( $M=1,98$ ;  $DP=2,00$ ) e, por fim, da subescala “família” ( $M=1,38$ ;  $DP=1,48$ ).

De maneira semelhante, no que diz respeito à aceitação da violência, os participantes tenderam a apresentar níveis baixos de aceitação de violência no namoro. Concretamente, na violência psicológica, os participantes pareceram indicar uma tendência ligeiramente maior de aceitação da violência perpetrada por homens ( $M=22,24$ ;  $DP=6,88$ ), comparativamente por mulheres ( $M=19,26$ ;  $DP=4,28$ ). Em contraste, os participantes apresentaram mais tolerância à violência física perpetrada por mulheres ( $M=16,44$ ;  $DP=5,55$ ) do que por homens ( $M=15,07$ ;  $DP=4,54$ ).

Por fim, os participantes revelaram níveis moderados de dependência emocional, tendo sido apresentada uma pontuação total média de 50,94 ( $DP=19,78$ ). Importa destacar que este

questionário tem um ponto de corte de 81, verificando-se por isso que, em média, os participantes situam-se abaixo do limiar clínico, sugerindo uma tendência global para níveis não patológicos de dependência emocional. A análise das subescalas revela que a “ansiedade de separação” foi a subescala com a média mais elevada (M=17,42; DP=8,10), seguida da “expressão afetiva” (M=11,37; DP=4,98), “modificação de planos” (M=6,67; DP=3,11) e “medo da solidão” (M=5,62; DP=3,35). As dimensões com médias mais baixas foram “expressão borderline” (M = 4,89; DP = 2,23) e “procura de atenção” (M = 4,97; DP = 2,26) – ver Tabela 1.

**Tabela 1**

*Características Sociodemográficas, crenças de género, atitudes sobre violência no namoro e dependência emocional da amostra*

|  |  | N (%)       | M (DP)       |
|--|--|-------------|--------------|
| Género                                     | Feminino   | 72 (69,8%)  | 22,59 (1,84) |
|  | Masculino  | 31 (30,1%)  |              |
| Orientação sexual                          | Heterossexual  | 89 (86,4%)  |              |
|  | Homossexual  | 5 (4,9%)    |              |
|  | Bissexual  | 8 (7,8%)    |              |
|  | Pansexual  | 1 (1,0%)    |              |
|  | Idade  |             |              |
| Escolaridade                               | Ensino secundário/<br>Licenciatura em curso          | 25 (24,3%)  |              |
|  | Licenciatura/mestrado ou<br>pós-graduação em curso   | 61 (59,2%)  |              |
|  | Mestrado/Pós-<br>graduação/Doutoramento<br>concluído | 17 (16,5%)  |              |
|  | Estado-civil   |             |              |
| Estado-civil                               | Solteiro   | 101 (98,1%) |              |
|  | Outro (casado ou união<br>de facto)                  | 2 (1,9%)    |              |
| Está atualmente<br>numa relação            | Sim  | 71 (68,9%)  |              |
|  | Não  | 32 (31,1%)  |              |
| Já esteve numa<br>relação<br>anteriormente | Sim  | 89 (86,4%)  |              |
|  | Não  | 14 (13,6%)  |              |

|   |                                    |             |
|---|------------------------------------|-------------|
| Crenças de género<br>(Pontuação na<br>Escala ICG)                         | Família                            | 1,3 (1,4)   |
|   | Atribuições de género              | 2,4 (2,6)   |
|   | Violência                          | 1,9 (1,9)   |
| Atitudes sobre<br>violência no<br>namoro<br>(Pontuação na<br>Escala EAVN) | Violência psicológica<br>masculina | 22,2 (6,8)  |
|   | Violência física<br>masculina      | 15 (4,5)    |
|   | Violência psicológica<br>feminina  | 19,2 (4,3)  |
|   | Violência física feminina          | 16,4 (5,5)  |
| Dependência<br>emocional<br>(Pontuação na<br>escala QDE)                  | Ansiedade de separação             | 17,4% (8,1) |
|   | Expressão afetiva                  | 11,3% (4,9) |
|   | Modificação de planos              | 6,6% (3,1)  |
|   | Expressão borderline               | 4,8% (2,2)  |
|   | Procura de atenção                 | 4,9% (2,2)  |
|   | Medo da solidão                    | 5,6 (3,3)   |
|   | Score total                        | 50,9 (19,7) |

Legenda: N- número; % - percentagem; M- Média; DP – desvio padrão; ICG – Inventário de Crenças de Género; EAVN – Escala de Atitudes de Violência no Namoro; QDE – Questionário de dependência emocional.

### **Prevalência da violência no namoro**

#### **Prevalência total da violência no namoro**

De acordo com a Tabela 2, a análise da prevalência da violência nas relações de namoro, indica que a violência psicológica foi a forma mais frequentemente reportada. No último ano, 55,3% (n=57) dos participantes indicaram tê-la experienciado enquanto vítimas, e 56,3% (n=58) como agressores. Destes, 16,5% (n=17) e 20,4% (n=21), respetivamente, reportaram comportamentos de violência psicológica severa. Ao longo da vida, a prevalência aumentou ligeiramente, sendo que mais de 62% tanto das vítimas como dos agressores, reportaram envolvimento neste tipo de violência. A violência sexual e física apresentaram prevalências inferiores. No último ano, a violência sexual foi reportada por 31,1% (n=31) das vítimas e 13,6% (n=14) dos agressores. A violência física foi indicada por cerca de 22% dos participantes, sendo que 7,5% (n=8) das vítimas e 5,8% (n=6) reportaram violência severa. Ao longo da vida, 36,8% das vítimas indicaram violência sexual e 26,4% violência física, enquanto 22,3% (n=23) dos agressores reportaram violência sexual e 26,2% (n=27) violência física.

**Tabela 2***Prevalência da violência no namoro no último ano e ao longo da vida – subescalas do CTS2**– Revised Conflict Tactics Scales*

| Tipo de violência    | Vítimas no último ano | Vítimas ao longo da vida | Agressores no último ano | Agressores ao longo da vida |
|----------------------|-----------------------|--------------------------|--------------------------|-----------------------------|
|                      | N (%)                 | N (%)                    | N (%)                    | N (%)                       |
| Negociação emocional | 97 (94,2%)            | 103 (100%)               | 96 (93,2%)               | 103 (100%)                  |
| Negociação cognitiva | 99 (96,1%)            | 103 (100%)               | 99 (96,1%)               | 103 (100%)                  |
| Negociação total     | 99 (96,1%)            | 103 (100%)               | 99 (96,1%)               | 103 (100%)                  |
| Psicológica minor    | 56 (54,4%)            | 63 (61,3%)               | 55 (53,4%)               | 62 (60,2%)                  |
| Psicológica severa   | 17 (16,5%)            | 25 (24,5%)               | 21 (20,4%)               | 29 (28,2%)                  |
| Psicológica total    | 57 (55,3%)            | 64 (62,3%)               | 58 (56,3%)               | 64 (62,1%)                  |
| Sexual minor         | 29 (28,2%)            | 36 (35,8%)               | 14 (13,6%)               | 23 (22,3%)                  |
| Sexual severa        | 6 (5,8%)              | 9 (8,5%)                 | 1 (1,0%)                 | 6 (5,8%)                    |
| Sexual total         | 31 (31,1%)            | 37 (36,8%)               | 14 (13,6%)               | 23 (22,3%)                  |
| Física minor         | 22 (21,4%)            | 27 (26,4%)               | 23 (22,3%)               | 27 (26,2%)                  |
| Física severa        | 2 (1,9%)              | 8 (7,5%)                 | 0 (0%)                   | 6 (5,8%)                    |
| Física total         | 22 (21,7%)            | 27 (26,4%)               | 23 (22,3%)               | 27 (26,2%)                  |
| Lesões minor         | 1 (0,9%)              | 7 (6,6%)                 | 0                        | 6 (5,8%)                    |
| Lesões severa        | 1 (0,9%)              | 6 (5,7%)                 | 0                        | 5 (5,8%)                    |
| Lesões total         | 1 (0,9%)              | 7 (6,6%)                 | 0                        | 6 (5,8%)                    |

Legenda: N- número; % - percentagem.

### **Prevalência da violência no namoro (unidirecional e bidirecional) entre os géneros**

Conforme a Tabela 3, relativamente à violência psicológica, o padrão mais comum foi o de violência bidirecional, reportado por 51,4% (n=53) da amostra. Cerca de 39,8% (n=41) não reportaram qualquer envolvimento neste tipo de violência, enquanto 3,9% (n=4) se identificaram apenas como vítimas e 4,9% (n=5) apenas como perpetradores. Entre participantes do sexo feminino, o padrão mais frequente foi igualmente a violência bidirecional (n=34; 47,2%), seguido da ausência de violência (n=30; 41,7%). A violência unidirecional foi menos comum, com 4,2% (n=3) a reportarem ser apenas vítimas e 6,9% (n=5) apenas perpetradoras. Entre os homens, observou-se um padrão semelhante: 61,3% (n=19) reportaram

violência bidirecional, 35,5% (n=11) ausência de violência, e apenas 3,2% (n=1) indicaram ser exclusivamente vítimas; nenhum homem relatou ser apenas perpetrador.

No que diz respeito à violência física, a maioria dos participantes não reportou envolvimento (mulheres: 75%, n=54; homens: 74,2%, n=23). A violência bidirecional foi o segundo padrão mais prevalente (mulheres: 18,1%, n=13; homens: 19,4%, n=6). Casos de violência unidirecional foram pouco frequentes: entre as mulheres, 4,2% (n=3) foram apenas perpetradoras e 2,8% (n=2) apenas vítimas; entre os homens, apenas dois participantes (3,2%) referiram envolvimento unidirecional – um enquanto perpetrador e outro vítima.

A violência sexual apresentou uma distribuição marcada por diferenças de gênero. Entre as mulheres, 72,2% (n=52) não relataram envolvimento, 23,6% (n=17) referiram ter sido exclusivamente vítimas, e 4,2% (n=3) descreveram envolvimento bidirecional. Nenhuma mulher se identificou como apenas perpetradora. Entre os homens, 51,6% (n=16) não relataram violência sexual, 22,6% (n=7) indicaram violência bidirecional, e 12,9% (n=4) referiram envolvimento unicamente como vítimas ou perpetradores. Assim, observa-se uma maior proporção de homens envolvidos ativamente (como perpetradores ou em contextos bidirecionais) neste tipo de violência. No total da amostra, 66% (n=68) não reportaram envolvimento em violência sexual, 20,4% (n=21) identificaram-se apenas como vítimas, 9,7% (n = 10) reportaram violência bidirecional e 3,9% (n=4) exclusivamente como perpetradores.

### Tabela 3

*Diferenças entre gêneros na prevalência da violência no namoro no último ano; Subescalas do CTS2 – Revised Conflict Tactics Scales*

|                       |                        | Sexo feminino | Sexo Masculino | Total      |
|-----------------------|------------------------|---------------|----------------|------------|
|                       |                        | N (%)         | N (%)          | N (%)      |
| Violência psicológica | Sem violência          | 30 (41,7%)    | 11 (35,5%)     | 41 (39,8%) |
|                       | Apenas vítima          | 3 (4,2%)      | 1 (3,2%)       | 4 (3,9%)   |
|                       | Apenas agressor        | 5 (6,9%)      | 0              | 5 (4,9%)   |
| Violência física      | Violência bidirecional | 34 (47,2%)    | 19 (61,3%)     | 53 (51,4%) |
|                       | Sem violência          | 54 (75,0%)    | 23 (74,2%)     | 77 (74,8%) |
|                       | Apenas vítima          | 2 (2,8%)      | 1 (3,2%)       | 3 (2,9%)   |
|                       | Apenas agressor        | 3 (4,2%)      | 1 (3,2%)       | 4 (3,9%)   |
| Violência sexual      | Violência bidirecional | 13 (18,1%)    | 6 (19,4%)      | 19 (18,4%) |
|                       | Sem violência          | 52 (72,2%)    | 16 (51,6%)     | 68 (66,0%) |
|                       | Apenas vítima          | 17 (23,6%)    | 4 (12,9%)      | 21 (20,4%) |
|                       | Apenas agressor        | 0             | 4 (12,9%)      | 4 (3,9%)   |
|                       | Violência bidirecional | 3 (4,2%)      | 7 (22,6%)      | 10 (9,7%)  |

Legenda: N- número; % - percentagem.

**Análise bivariada: associação entre as variáveis (características sociodemográficas, crenças de gênero, aceitação da violência e dependência emocional) e tipos de violência (psicológica, física e sexual).**

Considerando o número reduzido de casos nos grupos de violência unidirecional, procedeu-se à agregação de todos os indivíduos que relataram envolvimento em qualquer forma de violência (unidirecional ou bidirecional) numa categoria única designada como “*alguma violência*”, de forma a assegurar poder estatístico adequado nas análises subsequentes.

No que diz respeito às variáveis sociodemográficas, não existiram diferenças estatisticamente significativas entre grupos para nenhum dos tipos de violência, exceto relativamente ao estado atual de relacionamento, com maior proporção de participantes que relataram violência sexual não estando atualmente numa relação (47,7%) comparado com o grupo sem violência sexual (23,5%;  $p=0,021$ ; cf. Tabela 4.3).

Relativamente à violência psicológica (cf. Tabela 4.1), nas crenças de gênero não se verificaram diferenças significativas entre os grupos em nenhuma das subescalas, ainda que seja importante notar que a subescala “Violência” apresentou uma tendência para valores mais elevados no grupo que reportou violência psicológica ( $p=0,089$ ). Contudo, observaram-se diferenças estatisticamente significativas nas atitudes sobre a violência no namoro. Concretamente, os participantes com histórico de violência psicológica apresentaram níveis significativamente mais elevados de aceitação da violência psicológica perpetrada por homens ( $M=24,21$ ;  $DP=7,49$ ;  $p= <,001$ ), violência psicológica perpetrada por mulheres ( $M=9,90$ ;  $DP=5,18$ ;  $p=0,039$ ) e violência física perpetrada por mulheres ( $M=17,61$ ;  $DP=6,05$ ;  $p=0,004$ ). Relativamente à dependência emocional (QDE), os participantes no grupo de “*alguma violência*” apresentaram valores significativamente mais elevados nas dimensões “Procura de atenção” ( $p=0,010$ ) e “Medo da solidão” ( $p=0,006$ ). O *score* total de dependência emocional não diferiu significativamente entre os grupos ( $p=0,140$ ).

**Tabela 4.1**

*Características sociodemográficas, pontuações no ICG, EAVN e QDE, de acordo com a experiência de violência psicológica (sem violência/alguma violência).*

| Variáveis | Sem violência<br>(n=41) | Alguma<br>violência<br>(n=62) | <i>P</i> * |
|-----------|-------------------------|-------------------------------|------------|
|-----------|-------------------------|-------------------------------|------------|

|  |   | N (%) / M (DP) | N (%) / M (DP) | (t-test or chi2) |
|--|---|----------------|----------------|------------------|
| Género                                     | Feminino  | 30 (41,7%)     | 42 (58,3%)     | 0,557            |
|  | Masculino                                       | 11 (35,5%)     | 20 (64,5%)     |                  |
| Idade                                      |   | 22,44 (1,4)    | 22,69 (2,09)   | 0,461            |
| Escolaridade                               | Ensino Secundário/Licenciatura em curso         | 7 (28%)        | 18 (72,0%)     | 0,154            |
|  | Licenciatura/Pós-graduação ou mestrado em curso | 29 (47,5%)     | 32 (52,5%)     |                  |
|  | Mestrado/Pós-graduação/Doutoramento             | 5 (29,4%)      | 12 (70,6%)     |                  |
|  |   |                |                |                  |
| Está atualmente numa relação               | Sim   | 29 (40,8%)     | 42 (59,2%)     | 0,748            |
|  | Não   | 12 (37,5%)     | 20 (62,5%)     |                  |
| Já esteve numa relação anteriormente       | Sim   | 6 (42,9%)      | 8 (57,1%)      | 0,802            |
|  | Não   | 35 (39,3%)     | 54 (60,7%)     |                  |
| Crenças de género [M(DP)]                  | Família   | 1,29 (1,07)    | 1,43 (1,70)    | 0,604            |
|  | Atribuições de género                           | 2,04 (2,03)    | 2,66 (2,93)    |                  |
| Atitudes sobre violência no namoro [M(DP)] | Violência                                       | 1,58 (1,73)    | 2,24 (2,12)    | 0,089            |
|  | Violência psicológica masculina                 | 19,26 (4,49)   | 24,20 (7,48)   |                  |
|  | Violência física masculina                      | 14,09 (3,49)   | 15,70 (5,04)   |                  |
|  | Violência psicológica feminina                  | 18,29 (2,54)   | 19,90 (5,18)   |                  |
| Dependência emocional [M(DP)]              | Violência física feminina                       | 14,65 (4,13)   | 17,61 (6,05)   | 0,004            |
|  | Ansiedade de separação                          | 15,53 (7,44)   | 18,66 (8,33)   | 0,055            |
| [M(DP)]                                    | Expressão afetiva                               | 10,39 (5,11)   | 12,01 (4,82)   | 0,105            |
|  | Modificação de planos                           | 6,00 (2,88)    | 7,11 (3,20)    | 0,700            |
|  | Expressão borderline                            | 4,39 (2,39)    | 5,22 (2,06)    | 0,630            |
|  | Procura de atenção                              | 4,26 (2,13)    | 5,43 (2,24)    | 0,010            |

|                 |              |               |       |
|-----------------|--------------|---------------|-------|
| Medo da solidão | 4,51 (2,89)  | 6,35 (3,44)   | 0,006 |
| Score total     | 45,09 (19,3) | 54,80 (19,23) | 0,140 |

Legenda: N- número; % - percentagem; M- Média; DP – desvio padrão; *P\** - valores de significância no teste t ou do qui-quadrado; ICG - Inventário de Crenças de Género (ICG); EAVN– Escala de Atitudes de Violência no Namoro; QDE – Questionário de dependência emocional.

Na violência física (cf. Tabela 4.2), não se observaram diferenças significativas nas crenças de género entre os grupos com e sem relato de violência nas subescalas “Família” ( $p=0,712$ ) e “Atribuições de género” ( $p=0,257$ ). Contudo, a subescala “Violência” revelou uma diferença estatisticamente significativa ( $p=0,046$ ), com valores mais elevados no grupo que reportou violência física ( $M=2,65$ ;  $DP=2,38$ ) em comparação com o grupo sem violência ( $M=1,75$ ;  $DP=1,81$ ). Relativamente às atitudes sobre a violência no namoro, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na maioria das subescalas entre os grupos nos níveis ( $p > 0,05$ ), à exceção das atitudes sobre violência psicológica feminina ( $M=21,15$ ;  $DP=5,22$ ;  $p=0,010$ ). Quanto à dependência emocional (QDE), os participantes do grupo com violência física apresentaram valores significativamente mais elevados nas subescalas “Ansiedade de separação” ( $M=21,88$ ,  $DP=9,57$  vs.  $M=15,91$ ,  $DP=6,99$ ;  $p=0,006$ ), “Expressão afetiva” ( $M=13,31$ ,  $DP=5,52$  vs.  $M=10,71$ ,  $DP=4,65$ ;  $p=0,021$ ), “Expressão borderline” ( $M=5,94$ ,  $DP=2,61$  vs.  $M=4,52$ ,  $DP=2,06$ ;  $p=0,003$ ) e “Medo da solidão” ( $M=6,96$ ,  $DP=4,02$  vs.  $M=5,17$ ,  $DP=2,98$ ;  $p=0,017$ ), quando comparados com o grupo sem violência física. O *score* total de dependência emocional foi significativamente maior no grupo com violência física ( $M=61,54$ ,  $DP=22,17$ ) em relação ao grupo sem violência ( $M=47,36$ ,  $DP=17,67$ ;  $p=0,005$ ).

#### Tabela 4.2

*Características sociodemográficas, pontuações no ICG, EAVN e QDE, de acordo com a experiência de violência física (sem violência/alguma violência).*

| Variáveis |           | Sem<br>violência<br>(n=77) | Alguma<br>violência<br>(n=26) | <i>P*</i>           |
|-----------|-----------|----------------------------|-------------------------------|---------------------|
|           |           | N (%) / M<br>(DP)          | N (%) / M<br>(DP)             | (t-test or<br>chi2) |
| Género    | Feminino  | 54 (70,1%)                 | 18 (69,2%)                    | 0,910               |
|           | Masculino | 23 (29,9%)                 | 8 (30,8%)                     |                     |
| Idade     |           | 22,51 (1,82)               | 22,85 (1,91)                  | 0,497               |

|  |   |               |               |       |
|--|---|---------------|---------------|-------|
| Escolaridade                               | Ensino Secundário/Licenciatura em curso         | 19 (24,7%)    | 6 (23,1%)     | 0,909 |
|  | Licenciatura/Pós-graduação ou mestrado em curso | 46 (59,7%)    | 15 (57,7%)    |       |
|  | Mestrado/Pós-graduação/Doutoramento             | 12 (15,6%)    | 5 (19,2%)     |       |
| Está atualmente numa relação               | Sim   | 55 (71,4%)    | 16 (61,5%)    | 0,346 |
|  | Não   | 22 (28,6%)    | 10 (38,5%)    |       |
| Já esteve numa relação anteriormente       | Sim   | 11 (14,3%)    | 3 (11,5%)     | 0,724 |
|  | Não   | 66 (87,7%)    | 23 (88,5%)    |       |
| Crenças de género [M(DP)]                  | Família   | 1,33 (1,22)   | 1,5 (2,10)    | 0,712 |
|  | Atribuições de género                           | 2,24 (2,45)   | 2,92 (3,04)   | 0,257 |
| Atitudes sobre violência no namoro [M(DP)] | Violência                                       | 1,75 (1,80)   | 2,65 (2,38)   | 0,046 |
|  | Violência psicológica masculina                 | 21,98 (6,55)  | 23 (7,84)     | 0,519 |
|  | Violência física masculina                      | 14,63 (3,66)  | 16,34 (6,41)  | 0,207 |
| Dependência emocional [M(DP)]              | Violência psicológica feminina                  | 18,62 (3,89)  | 21,15 (5,22)  | 0,010 |
|  | Violência física feminina                       | 16,35 (5,00)  | 16,69 (7,00)  | 0,787 |
|  | Ansiedade de separação                          | 15,90 (6,99)  | 21,88 (9,56)  | 0,006 |
|  | Expressão afetiva                               | 10,71 (4,64)  | 13,30 (5,51)  | 0,021 |
|  | Modificação de planos                           | 6,32 (2,75)   | 7,69 (3,87)   | 0,106 |
|  | Expressão borderline                            | 4,52 (2,05)   | 5,94 (2,61)   | 0,003 |
|  | Procura de atenção                              | 4,72 (2,20)   | 5,69 (2,32)   | 0,06  |
|  | Medo da solidão                                 | 5,16 (2,97)   | 6,96 (4,02)   | 0,017 |
|  | Score total                                     | 47,36 (17,66) | 61,53 (22,17) | 0,005 |

Legenda: N- número; % - percentagem; M- Média; DP – desvio padrão; *P\** - valor de significância no teste t ou do qui-quadrado; ICG - Inventário de Crenças de Género (ICG); EAVN– Escala de Atitudes de Violência no Namoro; QDE – Questionário de dependência emocional.

Em contraste com os tipos de violência anteriores, na violência sexual (cf. Tabela 4.3) não existiram diferenças estatisticamente significativas entre a ausência de violência e a ocorrência

de violência na grande maioria das escalas, nomeadamente, nem nas crenças de género, nem nas atitudes sobre a violência no namoro ( $p > 0,05$ ). Quanto à dependência emocional, a única subescala que apresentou diferenças significativas foi “Procura de Atenção”, com valores mais elevados no grupo com violência sexual ( $M=5,6$ ,  $DP=2,28$ ) em comparação com o grupo sem violência ( $M=4,65$ ,  $DP=2,20$ ;  $p=0,042$ ).

De forma geral, mesmo que não existam sempre diferenças estatisticamente significativas, os participantes que reportaram qualquer tipo de violência (psicológica, física ou sexual) tenderam a apresentar valores mais elevados nas subescalas avaliadas.

**Tabela 4.3**

*Características sociodemográficas, pontuações no ICG, EAVN e QDE, de acordo com a experiência de violência sexual (sem violência/alguma violência).*

| Variáveis                                  |  | Sem violência<br>(n=68) | Alguma<br>violência<br>(n=35) | <i>P</i> *          |
|--|--|-------------------------|-------------------------------|---------------------|
|  |  | N (%) / M (DP)          | N (%) / M (DP)                | (t-test or<br>chi2) |
| Género                                     | Feminino   | 52 (76,5%)              | 20 (57,1%)                    | 0,430               |
|  | Masculino  | 16 (23,5%)              | 15 (41,9%)                    |                     |
| Idade                                      |  | 22,62 (1,86)            | 22,54 (1,82)                  | 0,900               |
| Escolaridade                               | Ensino<br>Secundário/Licenciatura<br>em curso          | 17 (25%)                | 8 (22,9%)                     | 0,789               |
|  | Licenciatura/Pós-<br>graduação ou mestrado<br>em curso | 41 (60,3%)              | 20 (57,1%)                    |                     |
|  | Mestrado/Pós-<br>graduação/Doutoramento                | 10 (14,7%)              | 7 (20,0%)                     |                     |
| Está<br>atualmente<br>numa relação         | Sim  | 52 (76,5%)              | 19 (54,3%)                    | 0,021               |
|  | Não  | 16 (23,5%)              | 16 (45,7%)                    |                     |
| Já esteve<br>numa relação<br>anteriormente | Sim  | 7 (10,3%)               | 7 (20,0%)                     | 0,173               |
|  | Não  | 61 (89,7%)              | 28 (80,00%)                   |                     |

|   |                                 |               |               |       |
|---|---------------------------------|---------------|---------------|-------|
| Crenças de gênero<br>[M(DP)]                  | Família                         | 1,27 (1,39)   | 1,57 (1,65)   | 0,346 |
|   | Atribuições de gênero           | 2,26 (2,53)   | 2,71 (2,78)   | 0,412 |
| Atitudes sobre violência no namoro<br>[M(DP)] | Violência                       | 1,80 (2,31)   | 2,31 (2,01)   | 0,225 |
|   | Violência psicológica masculina | 21,98 (7,27)  | 22,74 (6,11)  | 0,599 |
|   | Violência física masculina      | 15,05 (4,71)  | 15,08 (4,26)  | 0,977 |
|   | Violência psicológica feminina  | 18,77 (4,39)  | 20,20 (4,26)  | 0,120 |
|   | Violência física masculina      | 16,27 (5,48)  | 16,74 (5,72)  | 0,690 |
| Dependência emocional<br>[M(DP)]              | Ansiedade de separação          | 16,80 (8,31)  | 18,60 (7,65)  | 0,290 |
|   | Expressão afetiva               | 11,10 (5,09)  | 11,88 (4,78)  | 0,453 |
|   | Modificação de planos           | 6,58 (3,11)   | 6,82 (3,15)   | 0,713 |
|   | Expressão borderline            | 4,89 (2,34)   | 4,88 (2,02)   | 0,981 |
|   | Procura de atenção              | 4,64 (2,20)   | 5,60 (2,27)   | 0,042 |
|   | Medo da solidão                 | 5,30 (3,21)   | 6,22 (3,56)   | 0,188 |
|   | Score total                     | 49,35 (20,73) | 54,02 (17,65) | 0,258 |

Legenda: N- número; % - percentagem; M- Média; DP – desvio padrão; *P*\* - valores de significância no teste t ou do qui-quadrado; ICG - Inventário de Crenças de Género (ICG); EAVN– Escala de Atitudes de Violência no Namoro; QDE – Questionário de dependência emocional.

## Regressão logística para os diferentes tipos de violência

### Regressão logística para violência psicológica

No modelo de regressão logística bruto (ou simples) (cf. Tabela 5) e ajustado (ou múltiplo) (cf. Tabelas 5.1 a 5.3), os resultados indicam que nenhuma das variáveis sociodemográficas apresenta associações estatisticamente significativas com a ocorrência de VN psicológica. Na análise bruta, no que diz respeito às crenças de género, nenhuma das subescalas se mostrou estatisticamente associada à ocorrência deste tipo de violência. Quanto às atitudes acerca da violência no namoro, observou-se que níveis mais elevados de aceitação da violência psicológica perpetrada por homens aumentaram significativamente a probabilidade de envolvimento em VN psicológica (OR=1,15; IC 95%: 1,06–1,24;  $p < 0,001$ ). De forma semelhante, a aceitação da violência física perpetrada por mulheres foi significativamente associada à ocorrência de violência psicológica (OR=1,12; IC 95%: 1,03–1,23;  $p=0,011$ ). Relativamente às dimensões de dependência emocional (QDE), as subescalas “Procura de atenção” (OR=1,29; IC 95%: 1,06–1,57;  $p=0,012$ ) e “Medo da solidão” (OR=1,24; IC 95%:

1,05–1,46;  $p=0,011$ ) foram significativamente associadas ao aumento da probabilidade de violência psicológica. O score total de dependência emocional também mostrou uma associação estatisticamente significativa com a violência psicológica (OR=1,03; IC 95%: 1,01–1,06;  $p=0,018$ ). Nos modelos ajustados, a maioria das variáveis não apresentou associações significativas com a experiência de violência psicológica, à exceção das atitudes face à violência psicológica perpetrada por homens (OR=1,16; IC 95%: 1,04–1,29;  $p=0,008$ , Tabela 5.2).

## Tabela 5

*Modelo de regressão logística bruto: associação entre a exposição a violência, características sociodemográficas e pontuações no ICG, EAVN, QDE – Modelo 0.*

| Variável                          |   | Violência Psicológica OR [CI 95%], p | Violência Física OR [CI 95%], p | Violência Sexual OR [CI 95%], p |
|-----------------------------------|---|--------------------------------------|---------------------------------|---------------------------------|
| Género                            | Feminino  | 0,77 [0,32 – 1,84],<br>0,557         | 1,04 [0,40 – 2,74],<br>0,931    | 2,44 [1,02 – 5,84],<br>0,045    |
|                                   | Masculino                                       | Ref                                  | ref                             | ref                             |
| Escolaridade                      | Ensino Secundário/ Licenciatura em curso        | 1,07 [0,28 – 4,18],<br>0,921         | 1,03 [0,35 – 3,06],<br>0,954    | 1,04 [0,38 – 2,81],<br>0,944    |
|                                   | Licenciatura/Pós-graduação ou mestrado em curso | 0,46 [0,14 – 1,46],<br>0,188         | 1,32 [0,33 – 5,30],<br>0,696    | 1,49 [0,41 – 5,35],<br>0,543    |
|                                   | Mestrado/Pós-graduação/ Doutoramento            | Ref                                  | ref                             | ref                             |
|                                   | Está atualmente numa relação                    | 1,15 [0,49 – 2,71],<br>0,748         | 0,64 [0,25 – 1,63],<br>0,348    | 0,37 [0,15 – 0,87],<br>0,023    |
| Esteve numa relação anteriormente | Sim   | 0,86 [0,28 – 2,79],<br>0,802         | 1,28 [0,33 – 5,00],<br>0,724    | 0,46 [0,18 – 1,43],<br>0,180    |
|                                   | Não   | Ref                                  | ref                             | ref                             |
| Crenças de género                 | Família   | 1,07 [0,81 – 1,41],<br>0,631         | 1,07 [0,80 – 1,44],<br>0,629    | 1,14 [0,87 – 1,49],<br>0,346    |
|                                   | Atribuições de género                           | 1,10 [0,94 – 1,29],<br>0,248         | 1,10 [0,93 – 1,29],<br>0,258    | 1,07 [0,92 – 1,24],<br>0,409    |

|  |                                       |                               |                              |                              |
|--|---------------------------------------|-------------------------------|------------------------------|------------------------------|
|  | Violência                             | 1,20 [0,96 – 1,49],<br>0,106  | 1,24 [1,00 – 1,54],<br>0,052 | 1,13 [0,93 – 1,39],<br>0,226 |
| Atitudes sobre<br>violência no<br>namoro | Violência<br>psicológica<br>masculina | 1,15 [1,06 – 1,24],<br><0,001 | 1,02 [0,96 – 1,09],<br>0,515 | 1,02 [0,96 – 1,08],<br>0,595 |
|  | Violência<br>física<br>masculina      | 1,10 [0,99 – 1,22],<br>0,086  | 1,08 [0,98 – 1,18],<br>0,107 | 1,00 [0,92 – 1,10],<br>0,977 |
|  | Violência<br>psicológica<br>feminina  | 1,11 [0,99 – 1,24],<br>0,077  | 1,13 [1,02 – 1,25],<br>0,019 | 1,08 [0,98 – 1,18],<br>0,129 |
| Dependência<br>emocional                 | Violência física<br>feminina          | 1,12 [1,03 – 1,23],<br>0,011  | 1,01 [0,93 – 1,09],<br>0,785 | 1,02 [0,94 – 1,09],<br>0,697 |
|  | Ansiedade de<br>separação             | 1,05 [1,00 – 1,11],<br>0,059  | 1,09 [1,03 – 1,16],<br>0,002 | 1,03 [0,98 – 1,08],<br>0,289 |
|  | Expressão<br>afetiva                  | 1,07 [0,99 – 1,16],<br>0,107  | 1,11 [1,01 – 1,22],<br>0,025 | 1,03 [0,95 – 1,12],<br>0,449 |
|  | Modificação de<br>planos              | 1,14 [0,98 – 1,32],<br>0,082  | 1,14 [0,99 – 1,31],<br>0,061 | 1,03 [0,90 – 1,17],<br>0,710 |
|  | Expressão<br>borderline               | 1,24 [0,98 – 1,56],<br>0,072  | 1,33 [1,07 – 1,66],<br>0,010 | 1,00 [0,83 – 1,20],<br>0,980 |
|  | Procura de<br>atenção                 | 1,29 [1,06 – 1,57],<br>0,012  | 1,21 [0,99 – 1,47],<br>0,064 | 1,21 [1,00 – 1,45],<br>0,047 |
|  | Medo da solidão                       | 1,24 [1,05 – 1,46],<br>0,011  | 1,16 [1,02 – 1,31],<br>0,023 | 1,08 [0,96 – 1,22],<br>0,190 |
|  | Score total                           | 1,03 [1,01 – 1,06],<br>0,018  | 1,04 [1,01 – 1,06],<br>0,003 | 1,01 [0,99 – 1,03],<br>0,259 |

Legenda: OR – odds ratios; CI 95% – intervalos de confiança a 95%; *P*\* - valores de significância; ICG - Inventário de Crenças de Género (ICG); EAVN– Escala de Atitudes de Violência no Namoro; QDE – Questionário de dependência emocional. Os valores de OR superiores a 1 indicam um maior “risco” de envolvimento em violência no namoro associado à variável em questão, enquanto valores inferiores a 1 indicam um efeito “protetor”. Valores de *p* < .05 são considerados estatisticamente significativos.

### Tabela 5.1

*Modelo de regressão logística ajustado: associação entre a exposição a violência, características sociodemográficas e pontuações no ICG – Modelo 1*

| Variável | Violência<br>Psicológica OR [IC<br>95%], p | Violência Física<br>OR [IC 95%], p | Violência Sexual<br>OR [IC 95%], p |
|----------|--|------------------------------------|------------------------------------|
|----------|--|------------------------------------|------------------------------------|

|                                    |   |                              |                               |                               |
|------------------------------------|---|------------------------------|-------------------------------|-------------------------------|
| Gênero                             | Feminino  | 0,87 [0,29 – 2,57],<br>0,799 | 0,43 [0,11 – 1,60],<br>0,207  | 1,34 [0,44 – 4,05],<br>0,607  |
|                                    | Masculino   | Ref                          | ref                           | ref                           |
| Escolaridade                       | Ensino Secundário/<br>Licenciatura em<br>curso            | 0,45 [0,15 – 1,30],<br>0,139 | 1,37 [0,41 – 4,62],<br>0,609  | 1,27 [0,41 – 3,89],<br>0,680  |
|                                    | Licenciatura/Pós-<br>graduação<br>ou mestrado em<br>curso | 1,17 [0,26 – 5,24],<br>0,835 | 2,38 [0,46 –<br>12,33], 0,302 | 2,84 [0,61 – 13,20],<br>0,183 |
|                                    | Mestrado/Pós-<br>graduação/<br>Doutoramento               | Ref                          | ref                           | ref                           |
|                                    |   |                              |                               |                               |
| Está<br>atualmente<br>numa relação | Sim   | 0,97 [0,36 – 2,66],<br>0,959 | 0,58 [0,19 – 1,77],<br>0,339  | 0,27 [0,09 – 0,78],<br>0,015  |
|                                    | Não   | Ref                          | ref                           | ref                           |
| Esteve numa<br>relação             | Sim   | 1,39 [0,38 – 5,08],<br>0,619 | 1,01 [0,21 – 4,79],<br>0,991  | 0,26 [0,07 – 0,96],<br>0,044  |
|                                    | Não   | Ref                          | ref                           | ref                           |
| Crenças de<br>Gênero               | Família   | 0,99 [0,68 – 1,45],<br>0,958 | 0,93 [0,63 – 1,39],<br>0,732  | 1,19 [0,81 – 1,73],<br>0,379  |
|                                    | Atribuições de<br>gênero                                  | 1,04 [0,83 – 1,30],<br>0,721 | 1,11 [0,87 – 1,41],<br>0,416  | 0,94 [0,75 – 1,19],<br>0,611  |
|                                    | Violência   | 1,23 [0,94 – 1,59],<br>0,127 | 1,31 [1,00 – 1,71],<br>0,047  | 1,07 [0,84 – 1,37],<br>0,600  |

Legenda: OR – odds ratios; CI 95% – intervalos de confiança a 95%; *P*\* - valores de significância; ref – categoria de referência; ICG - Inventário de Crenças de Gênero (ICG). Os valores de OR superiores a 1 indicam um maior “risco” de envolvimento em violência no namoro associado à variável em questão, enquanto valores inferiores a 1 indicam um efeito “protetor”. Valores de *p* < .05 são considerados estatisticamente significativos. Ajustado para todas as variáveis presentes na tabela.

### Regressão logística para violência física

Para a VN física, também não se verificaram associações estatisticamente significativas com nenhuma das variáveis sociodemográficas. Na análise bruta, para as crenças de gênero, nenhuma das subescalas apresentou associação estatisticamente significativa (*p*>0,05), embora a subescala “Violência” tenha apresentado uma tendência próxima da significância (OR=1,24; IC 95%: 1,00–1,54; *p*=0,052). Quanto às atitudes sobre violência no namoro, a maioria das subescalas não revelou associação significativa (*p*>0,05), à exceção das atitudes sobre a violência psicológica feminina que se revelou estatisticamente significativa no modelo bruto

(OR=1,13; IC 95%: 1,02-1,25; p=0,019) e no modelo ajustado (OR=1,26; IC 95%: 1,04-1,51; p=0,016). Em contraste, várias dimensões da dependência emocional (QDE) mostraram associação estatisticamente significativa com a violência física. Especificamente, “Ansiedade de separação” (OR=1,09; IC 95%: 1,03–1,16; p=0,002), “Expressão afetiva” (OR=1,11; IC 95%: 1,01–1,22; p=0,025), “Expressão borderline” (OR=1,33; IC 95%: 1,07–1,66; p=0,010), “Medo da solidão” (OR=1,16; IC 95%: 1,02–1,31; p=0,023) e o score total de dependência emocional (OR=1,04; IC 95%: 1,01–1,06; p=0,003) foram significativamente associados a uma maior probabilidade de ocorrência de violência física. Nas análises ajustadas, a maioria das subescalas não apresentou associação estatisticamente significativa, à exceção da subescala “Violência” das crenças de gênero (OR=1,31; IC 95%: 1,00–1,71; p=0,047) no Modelo 1 e da “Violência psicológica perpetrada por mulheres” (OR=1,26; IC 95%: 1,04–1,51; p=0,016) no Modelo 2, sugerindo que aumentam a probabilidade de ocorrência de violência.

**Tabela 5.2**

*Modelo de regressão logística ajustado: associação entre a exposição a violência,*

*características sociodemográficas e pontuações no EAVN – Modelo 2*

| Variável               |  | Violência Psicológica OR [IC 95%], p | Violência Física OR [IC 95%], p | Violência Sexual OR [IC 95%], p |
|------------------------|--|--------------------------------------|---------------------------------|---------------------------------|
| Gênero                 | Feminino   | 0,62 [0,20–1,97],<br>0,420           | 0,69 [0,20–2,35],<br>0,553      | 1,25 [0,42–3,68],<br>0,687      |
|                        | Masculino  | Ref                                  | ref                             | ref                             |
| Escolaridade           | Ensino Secundário/<br>Licenciatura em curso            | 0,52 [0,16–1,64],<br>0,264           | 1,77 [0,49–6,43],<br>0,385      | 1,53 [0,48–4,91],<br>0,477      |
|                        | Licenciatura/Pós-<br>graduação<br>ou mestrado em curso | 1,56 [0,32–7,95],<br>0,580           | 2,22 [0,44–<br>11,12], 0,334    | 2,72 [0,61–12,18],<br>0,191     |
|                        | Mestrado/Pós-<br>graduação/<br>Doutoramento            | Ref                                  | ref                             | ref                             |
|                        |  |                                      |                                 |                                 |
| Está numa<br>relação   | Sim  | 0,88 [0,30–2,56],<br>0,818           | 0,81 [0,26–2,56],<br>0,724      | 0,29 [0,10–0,84],<br>0,023      |
|                        | Não  | Ref                                  | ref                             | ref                             |
| Esteve numa<br>relação | Sim  | 1,55 [0,38–6,28],<br>0,541           | 1,46 [0,28–7,72],<br>0,658      | 0,24 [0,06–0,95],<br>0,042      |
|                        | Não  | Ref                                  | ref                             | ref                             |
| Atitudes<br>sobre      | Violência psicológica<br>masculina                     | 1,16 [1,04–1,29],<br>0,008           | 0,98 [0,88–1,09],<br>0,681      | 0,98 [0,89–1,08],<br>0,643      |

|                     |                                |                            |                            |                            |
|---------------------|--------------------------------|----------------------------|----------------------------|----------------------------|
| violência no namoro | Violência física masculina     | 0,97 [0,84–1,14],<br>0,736 | 1,08 [0,92–1,26],<br>0,367 | 0,94 [0,81–1,08],<br>0,361 |
|                     | Violência psicológica feminina | 1,00 [0,84–1,19],<br>0,997 | 1,26 [1,04–1,51],<br>0,016 | 1,10 [0,95–1,29],<br>0,213 |
|                     | Violência física feminina      | 1,04 [0,91–1,18],<br>0,602 | 0,89 [1,77–1,04],<br>0,132 | 1,02 [0,90–1,16],<br>0,725 |

Legenda: OR – odds ratios; CI 95% – intervalos de confiança a 95%; *P*\* - valores de significância; ref – categoria de referência; EAVN– Escala de Atitudes de Violência no Namoro. Os valores de OR superiores a 1 indicam um maior “risco” de envolvimento em violência no namoro associado à variável em questão, enquanto valores inferiores a 1 indicam um efeito “protetor”. Valores de *p* < .05 são considerados estatisticamente significativos. Ajustado para todas as variáveis presentes na tabela.

### Regressão Logística para violência sexual

Na análise bruta (cf. Tabela 5) para a violência sexual, as mulheres apresentaram maior probabilidade de relatar alguma experiência deste tipo de violência comparativamente aos homens (OR=2,44; IC 95%: 1,02-5,84; *p*=0,045), mas a estimativa não permanece estatisticamente significativa. Para além disso, estar atualmente numa relação (OR=0,37; IC 95%: 0,15-0,87; *p*=0,023) apresentou-se como um fator estatisticamente associado a menor probabilidade de violência sexual. As restantes variáveis não demonstraram associações significativamente com a ocorrência de violência sexual, à exceção da subescala “Procura de Atenção” da dependência emocional (OR=1,21; IC 95%: 1,00-1,45; *p*=0,047). Nas análises logísticas ajustadas (cf. Tabela 5.3), a maioria das variáveis não apresenta associações estatisticamente significativas, apesar de estar atualmente e já ter estado numa relação de namoro associar-se, em todos os modelos, a uma probabilidade significativamente menor de ocorrência deste tipo de violência (*p*< 0,05).

### Tabela 5.3

*Modelo de regressão logística ajustado: associação entre a exposição a violência, características sociodemográficas e pontuações no QDE – Modelo 3*

| Variável | Categoria | Violência Psicológica OR [IC 95%], <i>p</i> | Violência Física OR [IC 95%], <i>p</i> | Violência Sexual OR [IC 95%], <i>p</i> |
|----------|-----------|---|--|--|
| Género   | Feminino  | 1,51 [0,45–5,05],<br>0,508                  | 1,17 [0,32–4,25],<br>0,811             | 1,79 [0,56–5,69],<br>0,327             |
|          | Masculino | Ref   | ref                                    | ref                                    |

|                          |  |                            |                                |                                |                            |
|--------------------------|--|----------------------------|--------------------------------|--------------------------------|----------------------------|
| Escolaridade             | Ensino Secundário/<br>Licenciatura em curso            | 0,37 [0,13–1,09],<br>0,071 | 0,97 [0,30–3,12],<br>0,953     | 1,17 [0,39–3,51],<br>0,778     |                            |
|                          | Licenciatura/Pós-<br>graduação<br>ou mestrado em curso | 0,84 [0,18–3,87],<br>0,826 | 1,04 [0,22–4,93],<br>0,963     | 2,15 [0,47–9,85],<br>0,326     |                            |
|                          | Mestrado/Pós-<br>graduação/<br>Doutoramento            | Ref                        | ref                            | ref                            |                            |
|                          | Está numa<br>relação                                   | Sim                        | 1,31 [0,43–3,99],<br>0,633     | 0,57 [0,18–1,81],<br>0,343     | 0,30 [0,10–0,89],<br>0,030 |
|                          | Não  | Ref                        | ref                            | ref                            |                            |
| Esteve numa<br>relação   | Sim  | 1,49 [0,38–5,89],<br>0,573 | 1,00 [0,21–4,80],<br>p = 0,997 | 0,26 [0,07–1,04],<br>0,057     |                            |
|                          | Não  | Ref                        | ref                            | ref                            |                            |
| Dependência<br>emocional | Ansiedade de separação                                 | 0,92 [0,82–1,04],<br>0,168 | 1,11 [0,98–1,25],<br>0,090     | 0,99 [0,89–1,11],<br>0,905     |                            |
|                          | Expressão afetiva                                      | 1,02 [0,89–1,17],<br>0,777 | 0,99 [0,85–1,16],<br>0,877     | 0,99 [0,85–1,16],<br>p = 0,913 |                            |
|                          | Modificação de planos                                  | 1,03 [0,84–1,27],<br>0,772 | 0,95 [0,77–1,18],<br>0,665     | 0,90 [0,73–1,10],<br>0,286     |                            |
|                          | Expressão borderline                                   | 1,06 [0,75–1,50],<br>0,743 | 1,22 [0,89–1,68],<br>0,218     | 0,92 [0,67–1,25],<br>0,578     |                            |
|                          | Procura de atenção                                     | 1,25 [0,94–1,66],<br>0,131 | 0,98 [0,72–1,33],<br>0,879     | 1,27 [0,93–1,72],<br>0,134     |                            |
|                          | Medo da solidão  | 1,31 [1,00–1,72],<br>0,052 | 0,91 [0,71–1,16],<br>0,446     | 1,13 [0,90–1,43],<br>0,283     |                            |

Legenda: OR – odds ratios; CI 95% – intervalos de confiança a 95%;  $P^*$  - valores de significância; ref – categoria de referência; QDE – Questionário de Dependência Emocional. Os valores de OR superiores a 1 indicam um maior “risco” de envolvimento em violência no namoro associado à variável em questão, enquanto valores inferiores a 1 indicam um efeito “protetor”. Valores de  $p < .05$  são considerados estatisticamente significativos. Ajustado para todas as variáveis presentes na tabela. O score total da dependência emocional foi retirado do modelo por causa provável de colinearidade.

### Discussão

O presente estudo procurou investigar a violência nas relações de namoro entre jovens adultos com idades compreendidas entre os 18 e os 25 anos, considerando o seu envolvimento enquanto vítimas, agressores e enquanto experienciando violência bidirecional. Uma das principais contribuições desta investigação reside no facto de se ter abordado a violência bidirecional. Enquanto grande parte dos estudos privilegia uma abordagem centrada na violência unidirecional (em que os papéis de agressor e vítima são distintos e fixos), este

trabalho procurou compreender se os fatores em análise influenciam a dinâmica relacional complexa da violência mútua.

Ainda que as análises tenham considerado as experiências de violência unidirecional, o padrão de violência bidirecional foi marcadamente o mais frequente, especialmente na violência psicológica e física – na violência sexual, para os homens, a bidirecional manteve-se como o mais frequente, mas para as mulheres foi apenas vitimização. Assim, apesar de as análises contemplarem diferentes formas de envolvimento, os resultados obtidos podem ser interpretados, em larga medida, como representativos da dinâmica bidirecional da violência na amostra, reforçando a relevância do enfoque teórico adotado.

### **Prevalência da violência no namoro**

Os dados obtidos neste estudo apontam para uma elevada prevalência de VN entre os participantes, em linha com a literatura existente que reconhece este fenómeno como um problema significativo e crescente nas relações íntimas entre jovens adultos (e.g., Cénat et al., 2022; Neves et al., 2023; Rodrigues, 2024). Tal como tem sido observado em investigações anteriores (e.g., Cunha et al., 2023; Hu et al., 2021; Lysova et al., 2024; Machado et al., 2023), o padrão bidirecional foi o mais prevalente na amostra, sugerindo relações marcadas por dinâmicas recíprocas de agressão e vitimização. Este padrão contraria perspectivas tradicionais que separam rigidamente os papéis de vítima e agressor, e sublinha a complexidade das interações violentas nas relações de namoro. Ainda assim, a exceção verifica-se na violência sexual reportada pelo sexo feminino, sendo que o padrão de violência mais frequente foi unidirecional enquanto vítimas.

No que diz respeito aos tipos específicos de violência, a psicológica destacou-se como a mais prevalente para homens e mulheres. A violência física apresentou um padrão semelhante entre géneros, sendo que a maioria reportou ausência de violência e uma fração relevante reportou violência bidirecional. Para a violência sexual, a bidirecionalidade e a assunção de papel de perpetrador foram mais frequentemente observados entre homens.

Estes dados são congruentes com a literatura que, entre os tipos de violência estudados, identificam a violência psicológica como a mais comum nas relações de namoro (e.g., Machado et al., 2023; Matud et al., 2023; Tomaszewska & Schuster, 2021). No estudo de Santiago et al. (2025) com estudantes universitários, a violência no namoro bidirecional foi o padrão predominante, com 48,9% das participantes relatando vitimização e 66% perpetração de violência psicológica, resultados que se aproximam dos 51,4% de violência psicológica bidirecional observados na presente amostra. A sua prevalência elevada pode estar associada à

dificuldade em reconhecê-la comparativamente aos restantes tipos de violência, já que se manifesta frequentemente na forma de comportamentos subtis como controlo, ciúmes ou chantagem emocional (Pérez-Marco et al., 2020). Quanto à violência sexual, estudos indicam que, apesar de poder ser perpetrada por ambos os sexos, tende a ser mais frequentemente cometida por indivíduos do sexo masculino (Hossain et al., 2024; Miller et al., 2018), estando de acordo com a amostra em estudo.

### **Objetivo 1) Investigar a associação entre as crenças de género e a ocorrência de violência bidirecional nas relações de namoro em jovens dos 18 aos 25 anos**

De forma geral, os resultados não demonstram uma associação significativa entre as crenças de género e a ocorrência de violência bidirecional nas relações de namoro. Estes resultados são inconsistentes com a literatura científica que tem reportado que as crenças de género mais conservadoras estão fortemente associadas à ocorrência de VN (e.g., Llano-Suárez et al., 2021; Neves et al., 2023; Villanueva-Blasco et al., 2024). Esta ausência de associações mais robustas pode refletir o perfil da amostra, caracterizada por níveis de escolaridade elevados e baixos níveis de adesão a crenças de género tradicionais. A literatura sugere que níveis de escolaridade mais elevados estão associados a níveis mais reduzidos de crenças de género tradicionais (Kane, 1995; Rivera-Garrido, 2022), sendo consistente com a amostra em estudo. Quando os dados se concentram perto do mínimo da escala, os testes estatísticos tornam-se menos sensíveis à deteção de diferenças reais ou associações significativas (e.g., Colombet et al., 2001; Šimkovic & Träuble, 2019). Assim, a falta de significância estatística observada nas análises pode dever-se mais à natureza dos dados do que à ausência de um efeito real.

A exceção verifica-se na violência física, onde a dimensão “Violência” das crenças de género se revelou significativamente associada. Esta subescala, composta por itens como “As mulheres são vítimas de violência sexual porque provocam os homens”, “Algumas situações de violência doméstica são provocadas pelas mulheres” e o item invertido “As mulheres podem ser tão violentas quanto os homens”, parece captar a tendência para justificar ou minimizar a violência com base em estereótipos de género. Inclui ainda afirmações que romantizam comportamentos de violência (e.g., “O ciúme é uma prova de amor”; “As mulheres apreciam homens agressivos”). Neste sentido, os resultados sugerem que crenças que normalizam ou desculpabilizam a violência, sustentadas por estereótipos de género, podem estar significativamente associadas à ocorrência de violência física nas relações de namoro.

Alguns estudos (e.g., Fernández-Antelo et al., 2020; Ferreira et al., 2025) indicam que os jovens podem interpretar determinados comportamentos violentos como expressões de afeto,

contribuindo para a sua legitimação nas relações de namoro e dificultando a sua identificação enquanto violência. Assim, é possível que indivíduos que partilham este tipo de crenças estejam mais propensos a normalizar comportamentos violentos, tanto enquanto vítimas como enquanto perpetradores, podendo facilitar a ocorrência de violência bidirecional. Adicionalmente, estas crenças tendem a atribuir à mulher a responsabilidade pela perpetração de comportamentos violentos por parte do parceiro, legitimando a atuação do agressor. Neste sentido, podem contribuir para que o homem assuma o papel de perpetrador, enquanto a mulher adota o papel de vítima (Flood & Pease, 2009). Ainda assim, é importante sublinhar que a subescala utilizada avalia maioritariamente crenças que legitimam ou minimizam a violência masculina e culpabilizam a mulher, sendo apenas um item dedicado à possibilidade de violência perpetrada por mulheres (“As mulheres podem ser tão violentas quanto os homens”). Por conseguinte, permanece pouco claro de que forma as crenças de género contempladas no ICG captam dimensões relevantes para a compreensão da violência perpetrada por mulheres e da vitimização de homens. Esta limitação sugere a necessidade de instrumentos mais sensíveis e equilibrados, capazes de avaliar estereótipos de género que afetam ambos os sexos, incluindo os que podem contribuir para a legitimação da violência feminina e a invisibilização da vitimização masculina.

## **Objetivo 2) Examinar a relação entre a aceitação da violência e a ocorrência de violência bidirecional nas relações de namoro em jovens dos 18 aos 25 anos**

Os resultados deste estudo indicam que, nesta amostra, a aceitação da violência no namoro está associada a uma maior probabilidade de envolvimento em comportamentos violentos, particularmente de natureza psicológica.

Com recurso ao teste t para amostras independentes, verificou-se que níveis mais elevados de aceitação da violência psicológica perpetrada por homens, bem como da violência psicológica e física perpetrada por mulheres, estavam significativamente associados à ocorrência de violência psicológica entre os participantes. Simultaneamente, a aceitação da violência psicológica feminina também se associou significativamente à ocorrência de violência física.

Contudo, foi através dos modelos de regressão logística ajustados que se clarificaram estas relações: a maior tolerância à violência psicológica perpetrada por homens foi associada a um risco significativamente mais elevado de envolvimento em violência psicológica. Simultaneamente, verificou-se que a aceitação da violência psicológica perpetrada por mulheres está significativamente associada à ocorrência de violência física.

Estes resultados são consistentes com a literatura científica que sugere que, para além de atitudes permissivas poderem predispor os jovens a comportamentos de VN (e.g., Neves et al., 2023), também a própria experiência de perpetrar violência pode contribuir para o reforço ou alteração dessas atitudes. Os perpetradores e as vítimas podem ajustar as suas crenças como forma de reduzir a dissonância cognitiva, o que contribui para a normalização progressiva da violência nas relações de namoro (Muller et al., 2012). É importante salientar que Fernández-Antelo et al. (2020) sugerem que o tipo de violência mais frequentemente experienciado tende também a ser mais facilmente aceite, congruente com a associação significativa encontrada entre atitudes tolerantes face à violência psicológica perpetrada por homens e a ocorrência de violência psicológica.

No entanto, é possível que estas atitudes não sejam específicas nem isoladas, mas sim parte de uma estrutura cognitivo-social mais ampla de aceitação da violência (Courtain & Glowacz, 2018). Neste sentido, atitudes mais tolerantes relativamente a um tipo particular de violência - e ao género do agressor - podem refletir uma disposição geral para aceitar a violência nas relações íntimas. Esta interpretação é apoiada pelos dados da amostra, que revelam pontuações médias semelhantes entre os diferentes tipos de atitudes, podendo sugerir uma certa coerência interna nesse sistema de crenças.

Assim, a associação entre atitudes tolerantes à violência psicológica perpetrada por mulheres e a ocorrência de violência física (e vice-versa) pode refletir essa estrutura mais abrangente de normalização da violência, em vez de uma relação causal direta entre tipo de atitude e comportamento.

É relevante notar que a aceitação da violência não surgiu significativamente associada à violência sexual, nos resultados. A semelhança do que se sucede com as crenças de género, o facto de algumas subescalas das atitudes face à VN não terem apresentado associações estatisticamente significativas pode dever-se, em parte, ao reduzido poder estatístico resultante do tamanho da amostra. Para além disso, as diferenças na prevalência dos vários tipos de violência podem ter influenciado os resultados. Concretamente, a violência psicológica foi o tipo mais frequentemente reportado pelos participantes, o que se traduziu numa maior proporção de casos e, conseqüentemente, em mais associações significativas detetadas nas análises estatísticas. Em contraste, a menor prevalência da violência física e sexual poderá ter limitado a capacidade de detetar efeitos reais noutras subescalas, mesmo quando teoricamente esperados.

Sendo assim, estes resultados devem ser considerados de forma cautelosa, uma vez que a ausência de significância nas análises não implica necessariamente inexistência de associação, mas sim possivelmente a necessidade de mais investigação com amostras maiores.

### **Objetivo 3) Investigar a associação entre a dependência emocional e a ocorrência de violência bidirecional em relações de namoro em jovens dos 18 aos 25 anos.**

Os resultados sugerem que, nesta amostra, a dependência emocional está associada de forma significativa a diferentes tipos de violência.

Para a violência psicológica, as subescalas “Procura de atenção” e “Medo da Solidão” foram significativamente associadas à ocorrência de violência. Para a violência física, quase todas as subescalas se revelaram significativamente associadas, nomeadamente: ansiedade de separação, expressão afetiva, expressão borderline, procura de atenção e medo da solidão. Na violência sexual, a procura de atenção também se revelou significativamente associada. No entanto, nos modelos ajustados, nenhuma das associações se manteve significativa.

Estes resultados estão de acordo com a literatura científica, que tem entendido a dependência emocional como um fator de risco para a ocorrência de VN (e.g., Macía et al., 2022; Mellinger & Carney, 2014; Momeñe et al., 2022). No caso das vítimas, é possível que indivíduos com níveis mais elevados de dependência emocional, devido às necessidades de afeto e medo do abandono, sejam mais tolerantes e tenham mais dificuldade em reconhecer comportamentos violentos, bem como mais probabilidade de entrar e manter-se numa relação violenta (Amor et al., 2022; Damonti & Leach, 2021). Relativamente à perpetração, os comportamentos agressivos podem não ser exclusivamente reativos a situações de conflito, mas também utilizados de forma proativa, isto é, como estratégias deliberadas para manter a proximidade emocional e evitar a rutura (Marcos et al., 2020). Desta forma, em contextos de violência bidirecional, é possível que a dependência emocional funcione como um fator de risco para um mesmo indivíduo ser vítima e perpetrar violência.

Adicionalmente, a maioria da amostra não apresenta níveis clínicos de dependência emocional, sugerindo que a presença de determinadas características associadas pode implicar um risco acrescido de envolvimento em relações de namoro marcadas por violência. Assim, mesmo níveis subclínicos de dependência emocional podem ser relevantes para a compreensão do risco de vitimização e perpetração nas relações de namoro.

É importante referir que as regressões logísticas revelaram que estar atualmente numa relação e já ter estado numa relação estão significativamente associadas a uma menor

probabilidade de ocorrência de violência sexual. Considerando que a amostra foi composta exclusivamente por participantes com experiência de namoro (atuais ou passadas), estas variáveis não refletem a comparação com indivíduos que nunca tenham estado numa relação de namoro. Assim, os resultados obtidos não permitem afirmar que estar ou já ter estado numa relação de namoro constitua um fator que diminua a probabilidade de envolvimento em violência sexual, por comparação com quem nunca teve, de facto, numa relação.

### **Conclusão**

O presente estudo contribui para uma compreensão mais aprofundada da violência no namoro entre jovens adultos, ao centrar-se numa perspectiva bidirecional e integrar variáveis transversalmente reconhecidas como fatores de risco, mas (maioritariamente) estudadas numa perspectiva unidirecional. Ainda que os resultados não sejam generalizáveis, podem constituir-se como um ponto inicial do estudo das variáveis relevantes e como se associam à violência bidirecional.

Os resultados obtidos neste estudo vão de encontro a outros estudos que caracterizam a VN como um problema relevante e com uma elevada prevalência. Mais de metade dos participantes foram vítimas e/ou perpetradores de violência psicológica no namoro no último ano, sendo consistente com estudos anteriores que também a identificam como o tipo mais comum. Ainda que a violência física e sexual se tenha revelado como menos frequente, foram reportados níveis de prevalência consideráveis - vítimas de violência sexual rondaram os 30% e de violência física 22%.

Verificou-se que crenças que normalizam ou desculpabilizam a violência, sustentadas por estereótipos de género, podem estar significativamente associadas à ocorrência de violência física nas relações de namoro. Por sua vez, verificou-se que os participantes com atitudes mais tolerantes face à violência no namoro também tinham maior probabilidade de sofrer e/ou perpetrar violência psicológica e física nas relações de namoro. O facto de os níveis de aceitação não terem sido consideravelmente diferentes com base em tipos de violência e género do agressor, pode indicar alguma disposição geral para a aceitação da violência independentemente desses fatores. Por último, também se verificou que a dependência emocional está associada à ocorrência de VN psicológica e física, mesmo em níveis subclínicos. Este resultado pode sugerir que não é apenas a dependência emocional clínica que se pode constituir como um fator de risco para a VN, mas sim a presença de certas dimensões como o medo da solidão, a procura de atenção e/ou outras que podem aumentar o risco de vitimização e perpetração.

Em conjunto, os resultados evidenciam que a violência no namoro entre jovens não pode ser compreendida através de modelos dicotómicos ou simplistas de vítima e agressor, já que frequentemente uma vítima pode ser também agressora e vice-versa. Paralelamente, as variáveis estudadas podem atuar como mecanismos para que um só indivíduo seja simultaneamente agressor e vítima de VN.

### **Limitações**

Importa reconhecer um conjunto de limitações que podem ter influenciado os resultados e a sua interpretação. Em primeiro lugar, a dimensão reduzida da amostra e a baixa prevalência de alguns tipos de violência limitaram o poder estatístico das análises, dificultando a identificação de associações significativas e a generalização dos resultados. Adicionalmente, verificou-se uma sobrerrepresentação de participantes do sexo feminino, o que poderá ter enviesado os dados, particularmente nas análises comparativas entre géneros. Outro aspeto a considerar prende-se com a baixa variabilidade nas crenças de género expressas pelos participantes, em geral pouco aderentes a estereótipos tradicionais, o que pode ter restringido a deteção de relações significativas. Acresce ainda o facto de, por lapso metodológico, não terem sido recolhidos dados sobre atitudes face à violência sexual perpetrada por mulheres, o que levou à exclusão das variáveis correspondentes a “atitudes face à violência sexual” das análises. Esta omissão comprometeu a abrangência da avaliação das atitudes em relação aos diferentes tipos de violência. Relativamente aos instrumentos utilizados, destaca-se que a escala aplicada para medir as crenças de género não contemplava de forma equilibrada crenças que legitimam a violência feminina ou que contribuem para a invisibilização da violência perpetrada contra homens. Esta limitação poderá ter influenciado os resultados relativos à associação entre crenças de género e a violência exercida por mulheres ou experienciada por homens. Por fim, importa referir que, para efeitos de análise, foram agrupados participantes que relataram violência unidirecional com aqueles que relataram violência bidirecional, o que significa que os resultados apresentados não refletem exclusivamente a dinâmica da violência bidirecional. Esta opção metodológica pode ter diluído especificidades importantes da violência bidirecional. Estas limitações deverão ser tidas em conta na interpretação dos resultados e constituem pontos de partida relevantes para investigações futuras mais abrangentes e rigorosas.

### **Sugestões para investigações futuras**

Para além de se sugerir que futuras investigações quantitativas considerem mitigar as limitações supramencionadas, sugere-se a realização de estudos longitudinais, de modo a explorar possíveis relações de tipo causal entre as variáveis analisadas, bem como a examinar a

estabilidade dessas relações ao longo do tempo. Adicionalmente, estudos de natureza qualitativa poderão aprofundar a forma como estas variáveis se manifestam na experiência da violência bidirecional, permitindo aceder aos significados subjetivos, narrativas pessoais e contextos relacionais associados a estes comportamentos. Esta abordagem poderá revelar dimensões não captadas por métodos quantitativos e contribuir para um entendimento mais compreensivo do fenómeno.

### **Implicações práticas**

Este estudo oferece indicações importantes para o desenvolvimento de políticas públicas e programas de prevenção da violência no namoro entre jovens adultos. Os resultados revelam uma elevada prevalência de violência bidirecional, o que desafia os modelos tradicionais unidirecionais, que pressupõem um único agressor e uma única vítima. Desta forma, tanto as campanhas de sensibilização como a prática clínica devem evitar um enfoque exclusivo na violência unidirecional e promover uma compreensão mais abrangente e realista da violência entre parceiros íntimos, reconhecendo a sua complexidade e reciprocidade. Para além disso, as associações identificadas entre as crenças de género, dependência emocional, aceitação da violência e a ocorrência da violência indicam que esses fatores psicológicos são relevantes e que se podem constituir como alvos importantes para ações de prevenção e intervenção.

### Referências bibliográficas

- Alkan, Ö., Özar, Ş., & Ünver, Ş. (2021). Economic violence against women: A case in Turkey. *PLoS one*, 16(3), e0248630. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0248630>
- Amar, A. F., & Alexy, E. M. (2005). “Dissed” by dating violence. *Perspectives in Psychiatric Care*, 41(4), 162–171. <https://doi.org/10.1111/j.1744-6163.2005.00032.x>
- Amor, P. J., Echeburúa, E., Camarillo, L., Ferre, F., Sarasua, B., & Zubizarreta, I. (2022). Dependencia emocional y maltrato en mujeres víctimas de violencia contra la pareja. *Behavioral Psychology/Psicología Conductual*, 30(1), 291–307. <https://doi.org/10.51668/bp.8322115s>
- Bandura, A., & Walters, R. H. (1977). *Social learning theory* (Vol. 1). Prentice-Hall.
- Barroso-Corroto, E., Laredo-Aguilera, J. A., Cobo-Cuenca, A. I., & Carmona-Torres, J. M. (2024). Experiences of nursing students who are victims of dating violence: A qualitative study. *BMC Nursing*, 23, Article 28. <https://doi.org/10.1186/s12912-023-01688-w>
- Bates, E. A. (2016). Current controversies within intimate partner violence: Overlooking bidirectional violence. *Journal of Family Violence*, 31(8), 937–940. <https://doi.org/10.1007/s10896-016-9862-7>
- Black, M., Basile, K., Breiding, M., Smith, S., Walters, M., Merrick, M., Chen, J., & Stevens, M. (2011). *National intimate partner and sexual violence survey: 2010 summary report*. National Center for Injury Prevention and Control, Centers for Disease Control and Prevention. <http://hdl.handle.net/20.500.11990/250>
- Breiding, M., Basile, K. C., Smith, S. G., Black, M. C., & Mahendra, R. R. (2015). *Intimate partner violence surveillance: Uniform definitions and recommended data elements. Version 2.0*. National Center for Injury Prevention and Control, Centers for Disease Control and Prevention. [https://stacks.cdc.gov/view/cdc/31292/cdc\\_31292\\_DS1.pdf](https://stacks.cdc.gov/view/cdc/31292/cdc_31292_DS1.pdf)
- Burelomova, A. S., Gulina, M. A., & Tikhomandritskaya, O. A. (2018). Intimate Partner Violence: An overview of the existing theories, conceptual frameworks, and definitions. *Psychology in Russia: State of the Art/Psychology in Russia. State of the Art*, 11(3), 128–144. <https://doi.org/10.11621/pir.2018.0309>
- Capaldi, D. M., Kim, H. K., & Shortt, J. W. (2007). Observed initiation and reciprocity of physical aggression in young, at-risk couples. *Journal of Family Violence*, 22(2), 101–111. <https://doi.org/10.1007/s10896-007-9067-1>
- Cénat, J. M., Mukunzi, J. N., Amédée, L. M., Clorméus, L. A., Dalexis, R. D., Lafontaine, M., Guerrier, M., Michel, G., & Hébert, M. (2022). Prevalence and factors related to dating

- violence victimization and perpetration among a representative sample of adolescents and young adults in Haiti. *Child Abuse & Neglect*, 128, 105597. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2022.105597>
- Centers for Disease Control and Prevention. (2023). *Fast facts: preventing teen dating violence*. <https://biblewaymbc.com/wp-content/uploads/2024/02/Fast-Facts-Preventing-Teen-Dating-Violence-Violence-Prevention-Injury-Center-CDC.pdf>
- Chen, J., Shi, L., Xiao, S., Zheng, X., Xue, Y., Xue, B., Zhang, J., Li, X., Chen, Y., Wu, Y., & Zhang, C. (2024). The impact of intimate partner violence on depressive symptoms among college students: A moderated mediation model of the big five personality traits and perceived social support. *Journal of Affective Disorders*, 350, 203–213. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2024.01.096>
- Choi, H. J., Weston, R., & Temple, J. R. (2017). A three-step latent class analysis to identify how different patterns of teen dating violence and psychosocial factors influence mental health. *Journal of Youth and Adolescence*, 46, 854–866. <https://doi.org/10.1007/s10964-016-0570-7>
- Colombet, I., Jaulent, M. C., Degoulet, P., & Chatellier, G. (2001). Logistic regression model: an assessment of variability of predictions. In *MEDINFO 2001* (pp. 1314-1318). IOS Press. <https://doi.org/10.3233/978-1-60750-928-8-1314>
- Cotter, A. (2021). *Intimate partner violence in Canada, 2018: An overview*. Statistics Canada. <https://www150.statcan.gc.ca/n1/pub/85-002-x/2021001/article/00003-eng.htm>
- Courtain, A., & Glowacz, F. (2018). Exploration of dating violence and related attitudes among adolescents and emerging adults. *Journal of Interpersonal Violence*, 36(5-6), NP2975-NP2998. <https://doi.org/10.1177/0886260518770185>
- Cunha, O., Caridade, S., Machado, A., & Peixoto, M. M. (2023). Bidirectional intimate partner violence during COVID-19 in Portugal: prevalence and psychosocial correlates. *European Journal on Criminal Policy and Research*. <https://doi.org/10.1007/s10610-023-09565-7>
- Damonti, P., & Leache, P. A. (2021). Factores que dificultan el alejamiento de una relación violenta. Variaciones en función de la situación de integración y exclusión social. *Cuadernos de trabajo social*, 34(1), 183. <https://doi.org/10.5209/cuts.67459>
- Fernández-Antelo, I., Cuadrado-Gordillo, I., & Martín-Mora Parra, G. (2020). Synergy between acceptance of violence and sexist attitudes as a dating violence risk factor. *International journal of environmental research and public health*, 17(14), 5209. <https://doi.org/10.3390/ijerph17145209>

- Fernández-González, L., Calvete, E., & Orue, I. (2019). The role of acceptance of violence beliefs and social information processing on dating violence perpetration. *Journal of Research on Adolescence*, 29(3), 763-776. <https://doi.org/10.1111/jora.12414>
- Ferreira, S. B., Ferreira, M. B., Gomes, N. P., & Carvalho, A. A. D. S. (2025). Gender beliefs and legitimization of dating violence in adolescents. *Open Medicine*, 20(1), 20251188. <https://doi.org/10.1515/med-2025-1188>
- Figueiredo, B., & Alexandra, S. (2006). Adaptação da escala de táticas de conflito revisto (CTS2) a uma amostra portuguesa. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 8(2), 17-24.
- Flood, M., & Pease, B. (2009). Factors influencing attitudes to violence against women. *Trauma, Violence, & Abuse*, 10(2), 125-142. <https://doi.org/10.1177/1524838009334131>
- Gracia, E., Lila, M., & Santirso, F. A. (2020). Attitudes toward intimate partner violence against women in the European Union: A systematic review. *European Psychologist*, 25(2), 123–138. <https://doi.org/10.1027/1016-9040/a000392>
- Hardesty, J. L., & Ogolsky, B. G. (2020). A Socioecological Perspective on Intimate Partner Violence Research: A Decade in Review. *Journal of Marriage and Family*, 82(1), 454–477. <https://doi.org/10.1111/jomf.12652>
- Hester, M., & Donovan, C. (2009). Researching Domestic Violence in Same-Sex Relationships—A Feminist Epistemological Approach to Survey Development. *Journal of Lesbian Studies*, 13(2), 161–173. <https://doi.org/10.1080/10894160802695346>
- Hine, B. (2019). ‘It can’t be that bad, I mean, he’s a guy’: Exploring judgements towards domestic violence scenarios varying on perpetrator and victim gender, and abuse type. In *Intimate partner violence: New perspectives in research and practice* (pp. 43–57). Routledge. <https://repository.uwl.ac.uk/id/eprint/6098/>
- Hine, B., Noku, L., Bates, E. A., & Jayes, K. (2020). But, who is the victim here? Exploring judgments toward hypothetical bidirectional domestic violence scenarios. *Journal of Interpersonal Violence*, 37(7–8), NP5495–NP5516. <https://doi.org/10.1177/0886260520917508>
- Hines, D. A., & Douglas, E. M. (2016). Relative influence of various forms of partner violence on the health of male victims: Study of a help seeking sample. *Psychology of Men & Masculinity*, 17(1), 3–16. <https://doi.org/10.1037/a0038999>
- Hossain, M. M., Sultana, A., Fan, Q., Ma, P., & Purohit, N. (2024). Prevalence and determinants of dating violence: an umbrella review of systematic reviews and meta-analyses. *Authorea Preprints*. <https://doi.org/10.31124/advance.11492703.v1>

- Howell, D. C. (2010). *Statistical methods for psychology* (7th ed.). Belmont, CA: Wadsworth.
- Hu, R., Xue, J., Lin, K., Sun, I. Y., & Wang, X. (2021). Bidirectional intimate partner violence among Chinese women: Patterns and risk factors. *Journal of interpersonal violence*, 36(21-22), NP12252-NP12278. <https://doi.org/10.1177/0886260519888523>
- Hu, R., Xue, J., Lin, K., Sun, I. Y., & Wang, X. (2021). Bidirectional intimate partner violence among Chinese women: Patterns and risk factors. *Journal of Interpersonal Violence*, 36(21–22), NP12252–NP12278. <https://doi.org/10.1177/0886260519888523>
- Johnson, M. P. (2008). *A typology of domestic violence: Intimate terrorism, violent resistance, and situational couple violence*. The Northeastern Series on Gender, Crime, and Law. UPNE.
- Kane, E. W. (1995). Education and beliefs about gender inequality. *Social Problems*, 42(1), 74–90. <https://doi.org/10.2307/3097006>
- Krug, E. G., Mercy, J. A., Dahlberg, L. L., & Zwi, A. B. (2002). The world report on violence and health. *The Lancet*, 360(9339), 1083–1088. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(02\)11133-0](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(02)11133-0)
- Lagdon, S., Armour, C., & Stringer, M. (2014). Adult experience of mental health outcomes as a result of intimate partner violence victimisation: A systematic review. *European Journal of Psychotraumatology*, 5(1), 24794. <https://doi.org/10.3402/ejpt.v5.24794>
- Lemos Hoyos, M., & Londoño Arredondo, N. H. (2006). Construcción y validación del cuestionario de dependencia emocional en población colombiana. *Acta Colombiana de Psicología*, 9(2), 127-140. [http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0123-91552006000200012](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0123-91552006000200012)
- Lemos Hoyos, M., Jaller Jaramillo, C., González Calle, A. M., Díaz León, Z. T., & De la Ossa, D. (2012). Perfil cognitivo de la dependencia emocional en estudiantes universitarios en Medellín, Colombia. *Universitas Psychologica*, 11(2), 395-404. [http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S1657-92672012000200004&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S1657-92672012000200004&script=sci_arttext)
- Lewis, S. F., & Fremouw, W. (2001). Dating violence: A critical review of the literature. *Clinical Psychology Review*, 21(1), 105–127. [https://doi.org/10.1016/S0272-7358\(99\)00042-2](https://doi.org/10.1016/S0272-7358(99)00042-2)
- Llano-Suárez, A., Lana, A., Gasch-Gallén, Á., & Fernández-Feito, A. (2021). Gender roles and intimate partner violence among female university students in Spain: A cross-sectional study. *PLOS ONE*, 16(11), e0259839. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0259839>
- Lysova, A., Hanson, K., & Mackay, J. (2024). Bidirectional and unidirectional intimate partner violence: A comprehensive review. *Partner Abuse*. <https://doi.org/10.1891/PA-2024-0039>

- Machado, A., Sousa, C., & Cunha, O. (2023). Bidirectional violence in intimate relationships: A systematic review. *Trauma, Violence, & Abuse, 25*(2), 1680-1694. <https://doi.org/10.1177/15248380231193440>
- Machado, C., Caridade, S., & Martins, C. (2010). Violence in Juvenile Dating Relationships: Self-Reported Prevalence and Attitudes in a Portuguese Sample. *Journal of Family Violence, 25*(1), 43–52. <https://doi.org/10.1007/s10896-009-9268-x>
- Macía, P., Estevez, A., Iruarrizaga, I., Olave, L., Chávez, M. D., & Momeñe, J. (2022). Mediating role of intimate partner violence between emotional dependence and addictive behaviours in adolescents. *Frontiers in psychology, 13*, 873247. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2022.873247>
- Magalhães, M. J., Wiedemann, A., Guerreiro, A., Dias, A. T., Bento, B., Iglésias, C., Jasmins, C., Gouveia, C., Pontedeira, C., Martins, J., Rodrigues, L., Maia, M., Pacheco, M., Mendes, T., & Ferreira, V. (2023). *Violência no namoro em Portugal: Vitimação e conceções juvenis*. Porto, Portugal: Publicações UMAR – União de Mulheres Alternativa e Resposta. [https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2023/02/InfografiaVN\\_UMAR\\_2023\\_Final\\_Corrigida.pdf](https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2023/02/InfografiaVN_UMAR_2023_Final_Corrigida.pdf)
- Marcos, V., Gancedo, Y., Castro, B., & Selaya, A. (2020). Dating violence victimization, perceived gravity in dating violence behaviors, sexism, romantic love myths and emotional dependence between female and male adolescents. *Revista Iberoamericana de Psicología y Salud, 11*(2), 132–145. <https://doi.org/10.23923/j.rips.2020.02.040>
- Martins, C. (2011). *Manual de análise de dados quantitativos com recurso ao IBM SPSS: Saber decidir, fazer, interpretar e redigir* (1.ª ed.). Psiquilíbrios Edições.
- Matud, M. P., Hernández-Lorenzo, D. E., Fortes, D., & Ibáñez, I. (2023). Dating violence and mental health in emerging adulthood. *Healthcare, 11*(24), 3172. <https://doi.org/10.3390/healthcare11243172>
- Mellinger, M. S., & Carney, M. M. (2014). Interpersonal dependency constructs and male perpetrators of intimate partner violence. *Journal of Forensic Social Work, 4*(1), 29–47. <https://doi.org/10.1080/1936928X.2013.866608>
- Miller, E., Jones, K. A., & McCauley, H. L. (2018). Updates on adolescent dating and sexual violence prevention and intervention. *Current Opinion in Pediatrics, 30*(4), 466–471. <https://doi.org/10.1097/MOP.0000000000000637>
- Momeñe, J., Estévez, A., Etxaburu, N., Pérez-García, A. M., & Maguregi, A. (2022). Emotional dependence on the aggressor partner and its relationship to social anxiety, fear of negative

- evaluation and dysfunctional perfectionism. *Psicologia Conductual*, 30(1), 51–68. <https://doi.org/10.51668/bp.8322103n>
- Moreira, D. N., & Da Costa, M. P. (2020). The impact of the COVID-19 pandemic in the precipitation of intimate partner violence. *International Journal of Law and Psychiatry*, 71, 101606. <https://doi.org/10.1016/j.ijlp.2020.101606>
- Moreira, P. A., Pinto, M., Cloninger, C. R., Rodrigues, D., & Da Silva, C. F. (2019). Understanding the experience of psychopathology after intimate partner violence: The role of personality. *PeerJ*, 7, e6647. <https://doi.org/10.7717/peerj.6647>
- Mueller, V., Jouriles, E. N., McDonald, R., & Rosenfield, D. (2012). Adolescent beliefs about the acceptability of dating violence: Does violent behavior change them? *Journal of Interpersonal Violence*, 28(2), 436–450. <https://doi.org/10.1177/0886260512454716>
- Neves, S., Correia, A., & Borges, J. (2023). Gender beliefs and dating violence practices among university students in Portugal. *Journal of Human Behavior in the Social Environment*, 1–14. <https://doi.org/10.1080/10911359.2023.2267615>
- Neves, S., Ferreira, M., Borges, J., Correia, M., Abreu, A. L., Correia, A., Topa, J., & Silva, E. (2020). *Estudo nacional sobre a violência no namoro em contexto universitário: Crenças e práticas – 2017/2020*. Associação Plano I. <https://www.cnpdpcj.gov.pt/documents/10182/14804/Estudo+Nacional+sobre+a+viol%C3%Aancia+no+namoro+em+contexto+universit%C3%A1rio/6866595d-6e90-4909-9320-69f119011965>
- Organização Mundial da Saúde – OMS. (2022a). *Intimate partner violence*. <https://apps.who.int/violence-info/intimate-partner-violence/>
- Organização Mundial da Saúde – OMS. (2024). *Violence against women*. <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/violence-against-women>
- Organização Mundial da Saúde. (2025). *Violence Prevention Alliance Approach*. <https://www.who.int/groups/violence-prevention-alliance/approach>
- Organização Mundial da Saúde – OMS. (2022b). *World mental health report: Transforming mental health for all*. <https://www.who.int/publications/i/item/9789240049338>
- Palmetto, N., Davidson, L. L., & Rickert, V. I. (2013). Predictors of physical intimate partner violence in the lives of young women: Victimization, perpetration, and bidirectional violence. *Violence and Victims*, 28(1), 103–121. <https://doi.org/10.1891/0886-6708.28.1.103>
- Pérez-Marco, A., Soares, P., Davó-Blanes, M. C., & Vives-Cases, C. (2020). Identifying types of dating violence and protective factors among adolescents in Spain: A qualitative analysis

- of Lights4Violence materials. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17(7), 2443. <https://doi.org/10.3390/ijerph17072443>
- Piolanti, A., & Foran, H. M. (2022). Efficacy of interventions to prevent physical and sexual dating violence among adolescents. *JAMA Pediatrics*, 176(2), 142. <https://doi.org/10.1001/jamapediatrics.2021.4829>
- Price, E. L., Byers, E. S., Scars, H. A., Whelan, J., Saint-Pierre, M., & The Dating Violence Research Team. (2000). *Dating violence amongst students in grades 7, 9 and 11 in New Brunswick: A summary of two studies*. <http://www.unbf.ca/arts/CFVR/dating.html>
- Reyes, H. L. M., Foshee, V. A., Niolon, P. H., Reidy, D. E., & Hall, J. E. (2016). Gender role attitudes and male adolescent dating violence perpetration: Normative beliefs as moderators. *Journal of Youth and Adolescence*, 45, 350–360. <https://doi.org/10.1007/s10964-015-0278-0>
- Riggs, D. S., & O’Leary, K. D. (1996). Aggression between heterosexual dating partners. *Journal of Interpersonal Violence*, 11(4), 519–540. <https://doi.org/10.1177/088626096011004005>
- Rivera-Garrido, N. (2022). Can education reduce traditional gender role attitudes? *Economics of Education Review*, 89, 102261. <https://doi.org/10.1016/j.econedurev.2022.102261>
- Rodrigues, L. (2024). *Estudo nacional sobre a violência no namoro: Vitimação e conceções juvenis*. UMAR – União de Mulheres Alternativa e Resposta.
- Rodrigues, A., & Arantes, J. (2021). Evidências de validade da versão portuguesa do Questionário de Dependência Emocional. *Revista E-Psi*, 10(1), 1–18.
- Rojas-Solís, J. L., & Romero-Méndez, C. A. (2022). Violencia en el noviazgo: Análisis sobre su direccionalidad, percepción, aceptación, consideración de gravedad y búsqueda de apoyo [Dating violence: Analysis of its directionality, perception, acceptance, consideration of severity and help-seeking]. *Health and Addictions*, 22(1), 132–151. <https://doi.org/10.21134/haaj.v22i1.638>
- Sánchez-Zafra, M., Gómez-López, M., Ortega-Ruiz, R., & Viejo, C. (2024). The association between dating violence victimization and the well-being of young people: A systematic review and meta-analysis. *Psychology of Violence*, 14(3), 158–173. <https://doi.org/10.1037/vio0000499>
- Santiago, J., Silva, M., Cunha, O., & Machado, A. (2025). Prevalence of Bidirectional Intimate Partner Violence in a Sample of College Students in Portugal. *Journal of Family Violence*, 1-15. <https://doi.org/10.1007/s10896-025-00915-z>

- Šimkovic, M., & Träuble, B. (2019). Robustness of statistical methods when measure is affected by ceiling and/or floor effect. *PLOS ONE*, *14*(8), e0220889. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0220889>
- Skvortsova, S. N., & Shumskiy, V. B. (2014). Existential-phenomenological analysis of dependence in close interpersonal relationships. *Existenzanalyse*, *31*(1), 4–13.
- Smith, P. H., White, J. W., & Moracco, K. E. (2009). Becoming who we are: A theoretical explanation of gendered social structures and social networks that shape adolescent interpersonal aggression. *Psychology of Women Quarterly*, *33*(1), 25–29. <https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.2008.01470.x>
- Stark, E. (2010). Do violent acts equal abuse? Resolving the gender parity/asymmetry dilemma. *Sex Roles*, *62*(3–4), 201–211. <https://doi.org/10.1007/s11199-009-9717-2>
- Stark, E., & Hester, M. (2019). Coercive control: Update and review. *Violence Against Women*, *25*(1), 81–104. <https://doi.org/10.1177/1077801218816191>
- Straus, M. A. (1979). Measuring intrafamily conflict and violence: The Conflict Tactics (CT) Scales. *Journal of Marriage and the Family*, *41*(1), 75. <https://doi.org/10.2307/351733>
- Straus, M. A., Hamby, S. L., Boney-McCoy, S., & Sugarman, D. B. (1996). The revised Conflict Tactics Scales (CTS2). *Journal of Family Issues*, *17*(3), 283–316. <https://doi.org/10.1177/019251396017003001>
- Temple, J. R., Choi, H. J., Elmquist, J., Hecht, M., Miller-Day, M., Stuart, G. L., Meagan, M. A., & Wolford-Clevenger, C. (2016). Psychological abuse, mental health, and acceptance of dating violence among adolescents. *Journal of Adolescent Health*, *59*(2), 197–202. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2016.03.034>
- Tomaszewska, P., & Schuster, I. (2021). Prevalence of teen dating violence in Europe: A systematic review of studies since 2010. *New Directions for Child and Adolescent Development*, *2021*(178), 11–37. <https://doi.org/10.1002/cad.20437>
- Villanueva-Blasco, V. J., Iranzo, B., Mateu-Mollá, J., Carrascosa, L., Gómez-Martínez, S., Corral-Martínez, M., ... & Hernández-Jiménez, M. J. (2024). Teen dating violence: Predictive role of sexism and the mediating role of empathy and assertiveness based on gender. *Frontiers in Psychology*, *15*, 1393085. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2024.1393085>
- Widom, C. S. (1989). The cycle of violence. *Science*, *244*(4901), 160–166. <https://doi.org/10.1126/science.2704995>
- Yanez-Peñúñuri, L. Y., Rey-Anacona, C. A., & Garcia-Estrada, L. I. (2023). Relationship between dating violence and mental health of young victims and perpetrators: A systematic

review. *International Journal of Psychological Research*, 16(1), 126–139.  
<https://doi.org/10.21500/20112084.5710>

## **Anexos**

### **Anexo I – Folha de informação ao participante**

Caro(a) participante,

Estamos a desenvolver um projeto de investigação científica que visa compreender o fenómeno da violência em relações íntimas entre jovens, com foco na bidirecionalidade da violência e na ocorrência de violência no namoro em contextos virtuais. Para isso, pretendemos recrutar participantes com idades compreendidas entre os 18 e os 25 anos, que sejam utilizadores de redes sociais e que estejam ou já tenham estado numa relação íntima.

Num primeiro momento, iremos recolher informações através de um questionário sociodemográfico, para garantir que cumpre os critérios de inclusão. Em seguida, pedimos que responda a um conjunto de questionários adaptados e validados para a população portuguesa, que permitem avaliar a prevalência e formas da violência no namoro, incluindo o ciberabuso, explorar crenças de género, atitudes em relação a este tipo de violência e a dependência emocional, além de analisar a influência das redes sociais na perceção dos jovens acerca de relacionamentos saudáveis.

Desta forma, convidamo-lo(a) a participar, respondendo ao nosso questionário online criado exclusivamente para os fins deste estudo. Os dados recolhidos serão analisados por duas estudantes do Mestrado de Psicologia, sob orientação do Professor Diogo Costa, na Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa - Porto.

Para participar, aceda, por favor, ao Formulário de Consentimento Informado através deste link: (link para o consentimento).

Não serão pedidos dados identificativos, pelo que não será possível a sua identificação e toda a informação fornecida é confidencial. A sua participação é voluntária, pelo que tem o direito de desistir a qualquer momento, sem que seja necessária uma justificação e sem que daí possam resultar quaisquer prejuízos.

Se tiver alguma dúvida, não hesite em contactar-nos. Os nossos contactos encontram-se disponíveis abaixo:

Maria Benedita Valente ([s-mbvalente@ucp.pt](mailto:s-mbvalente@ucp.pt))

Maria Quelhas da Fonseca ([s-mqfonseca@ucp.pt](mailto:s-mqfonseca@ucp.pt))

Prof. Diogo Costa ([dancosta@ucp.pt](mailto:dancosta@ucp.pt))

Agradecemos desde já a sua colaboração.

## **Anexo II – Consentimento informado**

No âmbito do Mestrado em Psicologia da Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa do Porto, as alunas Maria Benedita Valente e Maria Quelhas da Fonseca estão a desenvolver um projeto de investigação científica sob orientação do Professor Doutor Diogo Costa, com o título “Violência no Namoro: estudo exploratório de experiências online e da bidirecionalidade”. Este projeto tem como objetivo geral explorar as experiências de violência no namoro entre jovens adultos, focando-se em dois aspetos distintos, a bidirecionalidade da violência e as interações em contextos virtuais. Procuramos compreender melhor como as crenças de género, a aceitação da violência, a dependência emocional e o uso das redes sociais estão associados a estes comportamentos.

Para tal, solicitamos a sua colaboração para responder a um questionário em formato online, que inclui questões sociodemográficas (e.g. idade, género, estado civil, dados sobre o uso das redes sociais) e vários instrumentos relacionados com o tema da violência no namoro. Este estudo não lhe trará nenhuma despesa ou risco. A informação recolhida é anónima e confidencial e todos os dados recolhidos serão utilizados apenas pela equipa de investigação envolvida para fins de tratamento dos dados, que permitam responder aos objetivos do projeto. Não serão partilhados com entidades externas à UCP, nem haverá partilha de dados para países estrangeiros. Os dados recolhidos poderão ser utilizados em publicações científicas, porém, apenas de forma agregada, garantindo o anonimato.

Todos os dados recolhidos serão tratados de acordo com a legislação nacional e da UE aplicável e apenas serão usados pelos investigadores para fins de investigação científica no âmbito deste projeto - Designadamente o RGPD (Regulamento Geral da Proteção de Dados (EU) 2016/679 do Parlamento Europeu e do Conselho de 27 de abril de 2016, relativo à proteção de pessoas singulares no que diz respeito ao processamento de dados pessoais e à livre circulação desses dados, e demais legislação aplicável ao processamento de dados pessoais.

Os resultados desta investigação serão divulgados exclusivamente em contexto científico, isto é, sob a forma de duas Teses de Mestrado, e de artigo científico. Os dados recolhidos serão destruídos após a defesa das dissertações de Mestrado.

A sua colaboração é de carácter voluntário, e a decisão de não participar de forma total ou parcial não trará qualquer prejuízo. A participação não pressupõe qualquer tipo de pagamento

ou contrapartida. Em caso de dúvidas, sinta-se confortável para questionar a qualquer momento, via email para: [s-mbvalente@ucp.pt](mailto:s-mbvalente@ucp.pt) ou [s-mqfonseca@ucp.pt](mailto:s-mqfonseca@ucp.pt).

O resultado da investigação, orientada pelo Professor Doutor Diogo Costa, será previsivelmente apresentado na Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa do Porto em julho de 2025, no âmbito das nossas Teses de Mestrado. Caso tenha interesse e deseje, poderá contactar-nos para conhecer os resultados do estudo. Este projeto decorre na Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa – Porto.

O nome e contacto do Encarregado de Protecção de Dados da UCP é:

Data Protection Officer – UCP

Dra Frederica Campos de Carvalho

Contacto telefónico: +351 217214179

E-mail: [compliance.rgpd@ucp.pt](mailto:compliance.rgpd@ucp.pt)

Agradeço a sua disponibilidade,

Declaro ter lido e compreendido este documento e as informações nele veiculadas. Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer momento, recusar participar neste estudo sem qualquer tipo de consequências. Desta forma, aceito participar neste estudo e permito a utilização dos dados que de forma voluntária forneço, confiando que apenas serão utilizados para esta investigação e nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pelas investigadoras.

**Consentimento Formal:** Ao clicar no botão de aceitação e ao preencher o questionário, estará a indicar o seu consentimento para participar neste estudo.

### **Anexo III - Questionário Sociodemográfico**

#### **1. Dados Sociodemográficos**

- **Idade:**

*Qual a sua idade?*

18

19

20

21

22

23

24

25

- **Género:**

*Com qual género se identifica?*

Masculino

Feminino

Outro: \_\_\_\_\_

Prefiro não responder

- **Orientação Sexual:**

*Qual é a sua orientação sexual?*

Heterossexual

Homossexual

Bissexual

Outra: \_\_\_\_\_

Prefiro não responder

## 2. Dados Educacionais e Ocupacionais

- **Nível de Escolaridade:**

*Qual é o seu nível de escolaridade?*

Ensino Secundário Incompleto

Ensino Secundário Completo

Licenciatura em curso

Licenciatura Completa

Pós-Graduação/Mestrado em curso

Pós-Graduação/Mestrado Completo

Doutoramento em curso

Doutoramento Completo

- **Situação Laboral:**

*Qual é a sua situação laboral atual?*

Estudante

- Empregado(a)
- Desempregado(a)
- Trabalhador(a) - Estudante
- Outro: \_\_\_\_\_

### 3. Dados Relacionais

- **Estado Civil:**

*Qual é o seu estado civil?*

- Solteiro(a)
- Em relação de namoro
- Casado(a)/União de facto
- Separado(a)/Divorciado(a)
- Outro: \_\_\_\_\_

- **Histórico de Relacionamentos:**

*Está atualmente numa relação íntima?*

- Sim
- Não

*Já esteve envolvido(a) numa relação íntima anteriormente?*

- Sim
- Não

### Anexo IV – Conflict Tactics Scales Revised (CTS2)

Nas questões que se seguem gostaríamos de saber como tem resolvido situações de conflito com o/a seu/sua companheiro/a. Por favor, indique para cada tática qual a frequência (de 0 a 7) com que isso tem acontecido sendo: 1-Uma vez no último ano; 2-Duas vezes no último ano; 3-Três a cinco vezes no último ano; 4-Seis a dez vezes no último ano; 5-Onze a vinte vezes no último ano; 6-Mais de vinte vezes no último ano; 7-Não aconteceu no último ano, mas antes; 0- Nunca aconteceu.

|  |                            |                            |                            |                            |                            |                            |                            |                            |
|--|----------------------------|----------------------------|----------------------------|----------------------------|----------------------------|----------------------------|----------------------------|----------------------------|
| 1. Mostrei ao meu companheiro/a que me preocupava com ele/a, mesmo que discordássemos                    | 1<br><input type="radio"/> | 2<br><input type="radio"/> | 3<br><input type="radio"/> | 4<br><input type="radio"/> | 5<br><input type="radio"/> | 6<br><input type="radio"/> | 7<br><input type="radio"/> | 0<br><input type="radio"/> |
| 2. O meu companheiro/a mostrou que se preocupava comigo, mesmo que discordássemos                        | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 3. Em uma discussão, expliquei ao meu companheiro/a o meu ponto de vista                                 | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 4. Numa discussão, o meu companheiro/a explicou o seu ponto de vista.                                    | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 5. Insultei ou roguei pragas ao meu companheiro/a  | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 6. O meu companheiro/a fez-me isso a mim.  | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 7. Atirei ao meu companheiro/a alguma coisa que o/a poderia magoar                                       | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 8. O meu companheiro/a fez-me isso a mim.  | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 9. Torci o braço ou puxei o cabelo do meu companheiro/a  | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 10. O meu companheiro/a fez-me isso a mim.   | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 11. Tive uma entorse, pisadura, ferida ou um pequeno corte por causa de uma luta com o meu companheiro/a | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 12. O meu companheiro/a teve uma entorse, ferida ou um pequeno corte por causa de uma luta comigo.       | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 13. Mostrei respeito pelos sentimentos do meu companheiro/a acerca de um assunto                         | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 14. O meu companheiro/a mostrou respeito pelos meus sentimentos acerca de um assunto.                    | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 15. Fiz o meu companheiro/a ter relações sexuais sem preservativo  | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 16. O meu companheiro/a fez-me isso a mim  | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |

|  |                            |                            |                            |                            |                            |                            |                            |                            |
|--|----------------------------|----------------------------|----------------------------|----------------------------|----------------------------|----------------------------|----------------------------|----------------------------|
| 17. Empurrei ou apertei o meu companheiro/a  | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 18. O meu companheiro/a fez-me isso a mim  | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 19. Usei a força (ex. batendo, detendo ou usando uma arma) para fazer com que o meu companheiro/a tivesse sexo oral ou anal comigo | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 20. O meu companheiro/a fez-me isso a mim  | 1<br><input type="radio"/> | 2<br><input type="radio"/> | 3<br><input type="radio"/> | 4<br><input type="radio"/> | 5<br><input type="radio"/> | 6<br><input type="radio"/> | 7<br><input type="radio"/> | 0<br><input type="radio"/> |
| 21. Usei uma faca ou uma arma contra o meu companheiro/a   | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 22. O meu companheiro/a fez-me isso a mim  | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 23. Desmaiei porque o meu companheiro/a me atingiu na cabeça durante uma luta  | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 24. O meu companheiro/a desmaiou porque foi atingido por mim, durante uma luta, na cabeça  | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 25. Chamei de gordo/a ou feio/a ao meu companheiro/a   | 1<br><input type="radio"/> | 2<br><input type="radio"/> | 3<br><input type="radio"/> | 4<br><input type="radio"/> | 5<br><input type="radio"/> | 6<br><input type="radio"/> | 7<br><input type="radio"/> | 0<br><input type="radio"/> |
| 26. O meu companheiro/a chamou-me de gordo/a ou feio/a   | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 27. Esmurrei ou bati no meu companheiro/a com algo que o/a poderia magoar  | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 28. O meu companheiro/a fez-me isso a mim  | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 29. Destruí algo que pertencia ao meu companheiro/a  | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 30. O meu companheiro/a fez-me isso a mim  | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 31. Fui ao médico por causa de uma luta com o meu companheiro/a  | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 32. O meu companheiro/a foi ao médico por causa de uma luta comigo   | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 33. Tentei estrangular o meu companheiro/a   | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 34. O meu companheiro/a fez-me isso a mim  | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 35. Gritei ou berrei ao meu companheiro/a  | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 36. O meu companheiro/a fez-me isso a mim  | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 37. Atirei o meu companheiro/a contra a parede   | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |

|   |                            |                            |                            |                            |                            |                            |                            |                            |
|---|----------------------------|----------------------------|----------------------------|----------------------------|----------------------------|----------------------------|----------------------------|----------------------------|
|   | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 38. O meu companheiro/a fez-me isso a mim   | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 39. Disse que tinha a certeza que poderíamos resolver um problema   | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 40. O meu companheiro/a tinha a certeza que o poderíamos resolver.  | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 41. Precisava ter ido ao médico, por causa de uma luta com o meu companheiro/a, mas não o fiz                                     | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 42. O meu companheiro/a precisava de ter ido ao médico, por causa de uma luta comigo, mas não o fez.                              | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 43. Dei uma tarefa no meu companheiro/a   | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 44. O meu companheiro/a fez-me isso a mim   | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 45. Agarrei à força o meu companheiro/a   | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 46. O meu companheiro/a fez-me isso a mim   | 1<br><input type="radio"/> | 2<br><input type="radio"/> | 3<br><input type="radio"/> | 4<br><input type="radio"/> | 5<br><input type="radio"/> | 6<br><input type="radio"/> | 7<br><input type="radio"/> | 0<br><input type="radio"/> |
| 47. Usei a força (ex. batendo, detendo ou usando uma arma) para fazer com que o meu companheiro/a tivesse relações sexuais comigo | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 48. O meu companheiro/a fez-me isso a mim   | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 49. Sai abruptamente da sala, da casa ou de qualquer outro local durante um desentendimento                                       | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 50. O meu companheiro/a fez-me isso a mim   | 1<br><input type="radio"/> | 2<br><input type="radio"/> | 3<br><input type="radio"/> | 4<br><input type="radio"/> | 5<br><input type="radio"/> | 6<br><input type="radio"/> | 7<br><input type="radio"/> | 0<br><input type="radio"/> |
| 51. Insisti em ter relações sexuais quando o meu companheiro/a não queria (mas não usei força física)                             | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 52. O meu companheiro/a fez-me isso a mim   | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 53. Dei uma bofetada ao meu companheiro/a   | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 54. O meu companheiro/a fez-me isso a mim   | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 55. Tive uma fractura devido a uma luta com o meu companheiro/a   | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 56. O meu companheiro/a teve uma fractura devido a uma luta comigo  | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 57. Recorri a ameaças para fazer com que o meu companheiro/a tivesse sexo oral ou anal comigo                                     | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |

|   |                            |                            |                            |                            |                            |                            |                            |                            |
|---|----------------------------|----------------------------|----------------------------|----------------------------|----------------------------|----------------------------|----------------------------|----------------------------|
| 58. O meu companheiro/a fez-me isso a mim   | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 59. Sugeri um acordo para resolver um desentendimento   | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 60. O meu companheiro/a fez-me isso a mim   | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 61. Queimei ou escalei o meu companheiro/a de propósito   | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 62. O meu companheiro/a fez-me isso a mim   | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 63. Insisti com o meu companheiro/a para que tivéssemos sexo oral ou anal (mas não usei força física)   | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 64. O meu companheiro/a fez-me isso a mim   | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 65. Acusei o meu companheiro/a de ser um mau amante   | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 66. O meu companheiro/a acusou-me disto   | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 67. Fiz algo para enfurecer o meu companheiro/a   | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 68. O meu companheiro/a fez-me isso a mim   | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 69. Ameacei ferir ou atirar alguma coisa ao meu companheiro/a   | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 70. O meu companheiro/a fez-me isso a mim   | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 71. Senti uma dor física, que se manteve no dia seguinte, por causa de uma luta com o meu companheiro/a | 1<br><input type="radio"/> | 2<br><input type="radio"/> | 3<br><input type="radio"/> | 4<br><input type="radio"/> | 5<br><input type="radio"/> | 6<br><input type="radio"/> | 7<br><input type="radio"/> | 0<br><input type="radio"/> |
| 72. O meu companheiro/a ainda sentia uma dor física no dia seguinte, por causa de uma luta comigo.      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 73. Dei pontapés ao meu companheiro/a   | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 74. O meu companheiro/a fez-me isso a mim   | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 75. Recorri a ameaças para fazer com que o meu companheiro/a tivesse relações sexuais comigo            | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 76. O meu companheiro/a fez-me isso a mim   | 1<br><input type="radio"/> | 2<br><input type="radio"/> | 3<br><input type="radio"/> | 4<br><input type="radio"/> | 5<br><input type="radio"/> | 6<br><input type="radio"/> | 7<br><input type="radio"/> | 0<br><input type="radio"/> |
| 77. Concordei em tentar uma solução sugerida pelo meu companheiro/a para um desentendimento             | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |
| 78. O meu companheiro/a concordou em tentar uma solução que eu sugeri.                                  | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      | <input type="radio"/>      |

**Anexo V - Inventário sobre Crenças de Género (Neves et al., 2021)**

Responda por favor às seguintes questões, assinalando a que melhor reflete o seu modo de pensar: não concordo, não concordo nem discordo ou concordo. Responda de acordo com aquilo que pensa e não como acha que deveria ser. Não há respostas certas ou erradas.

|   | <b>Discordo</b> | <b>Não concordo,<br/>nem discordo</b> | <b>Concordo</b> |
|---|-----------------|---------------------------------------|-----------------|
| 1. A família deve ser a prioridade das mulheres.  |                 |                                       |                 |
| 2. As mulheres que se portam mal devem ser castigadas pelos seus parceiros.                             |                 |                                       |                 |
| 3. As mulheres que não desejam ser mães não são verdadeiras mulheres.                                   |                 |                                       |                 |
| 4. Os homens podem ser tão bons pais quanto as mulheres boas mães.                                      |                 |                                       |                 |
| 5. As mulheres apreciam homens agressivos.  |                 |                                       |                 |
| 6. Se as mulheres não trabalhassem fora de casa, as crianças seriam melhor educadas.                    |                 |                                       |                 |
| 7. As mulheres são vítimas de violência sexual porque provocam os homens.                               |                 |                                       |                 |
| 8. Uma mulher que investe mais na carreira do que na família não é uma boa mãe nem uma boa companheira. |                 |                                       |                 |
| 9. Homens e mulheres devem partilhar as tarefas domésticas.   |                 |                                       |                 |
| 10. Os homens devem gozar a licença parental.   |                 |                                       |                 |
| 11. É gratificante para as mulheres ouvir piropos.  |                 |                                       |                 |
| 12. Os homens têm mais competências do que as mulheres para cargos de liderança.                        |                 |                                       |                 |

|   |  |  |  |
|---|--|--|--|
| 13. As mulheres devem ser mais recatadas do que os homens.                    |  |  |  |
| 14. Algumas situações de violência doméstica são provocadas pelas mulheres.   |  |  |  |
| 15. As mulheres podem ser tão violentas quanto os homens.                     |  |  |  |
| 16. Meninos e meninas devem ser educados/as de forma diferente.               |  |  |  |
| 17. O ciúme é uma prova de amor.  |  |  |  |
| 18. As mulheres são mais sensíveis do que os homens.                          |  |  |  |
| 19. Homens e mulheres devem ter direitos e deveres iguais.                    |  |  |  |
| 20. Os homens devem assumir a chefia da família.                              |  |  |  |
| 21. As mulheres que têm cargos de poder comportam-se como homens.             |  |  |  |
| 22. A violência doméstica é um problema que deve ser resolvido em casa.       |  |  |  |
| 23. O sonho de qualquer mulher é casar.                                       |  |  |  |
| 24. As mulheres que se mantêm em relações amorosas violentas são masoquistas. |  |  |  |

**Anexo VI** - Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro (E.A.V.N.) (Autores: Price, Byers, & The Dating Violence Research Team, 1999; Tradução Portuguesa: Saavedra & Machado, 2017)

Por favor, lê atentamente cada afirmação e responde de acordo com as seguintes opções: discordo totalmente; discordo; não concordo nem discordo; concordo; concordo totalmente.

## INSTRUÇÕES

Vais encontrar de seguida um conjunto de afirmações em relação a situações de violência no namoro. Pede-se que leias atentamente essas frases e exprimas a tua opinião em relação a cada uma delas. Não existem respostas certas ou erradas. A tua opinião é o mais importante. Por favor, tenta responder de acordo com a tua forma de pensar e sentir e não como achas que deveria ser. Avalia cada afirmação, colocando um (X) na opção que melhor traduza o teu modo

de pensar. Assegura-te de que respondeste a todas as questões, devendo optar apenas por uma das hipóteses apresentadas. As respostas a este questionário são absolutamente confidenciais. Obrigado pela tua colaboração!

## Parte A

|  | DISCORDO<br>TOTALMENTE   | DISCORDO                 | NÃO CONCORDO<br>NEM DISCORDO | CONCORDO                 | CONCORDO<br>TOTALMENTE   |
|--|--------------------------|--------------------------|------------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1. Um rapaz não deve insultar a namorada   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>     | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 2. Um rapaz não deve dizer à namorada o que fazer.                                       | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>     | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 3. Uma rapariga deve pedir autorização ao namorado para sair com os amigos.              | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>     | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 4. Os relacionamentos resultam melhor quando as raparigas procuram agradar os namorados. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>     | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 5. Não existe nenhuma razão para um rapaz ameaçar a namorada.                            | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>     | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 6. Por vezes, os rapazes não conseguem evitar insultar as namoradas.                     | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>     | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 7. Uma rapariga deve mudar a sua forma de ser para agradar ao namorado.                  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>     | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 8. Uma rapariga deve fazer sempre o que o namorado lhe diz para fazer.                   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>     | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 9. Um rapaz não precisa de saber tudo o que a namorada faz.                              | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>     | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 10. Não existe nenhuma razão para um rapaz insultar a namorada.                          | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>     | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 11. É normal um rapaz gritar com a namorada quando está furioso.                         | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>     | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 12. Um rapaz pode dizer mal da namorada.   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>     | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 13. Não existe nenhuma razão para um rapaz gritar e berrar com a namorada.               | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>     | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 14. Uma rapariga não deve estar com os amigos se isso aborrecer o namorado.              | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>     | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 15. É importante que uma rapariga se vista sempre da forma que o namorado quer           | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>     | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

## Parte B

|  | DISCORDO<br>TOTALMENTE   | DISCORDO                 | NÃO CONCORDO<br>NEM DISCORDO | CONCORDO                 | CONCORDO<br>TOTALMENTE   |
|--|--------------------------|--------------------------|------------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1. Uma rapariga deve acabar o namoro se o namorado lhe bater.                        | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>     | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 2. Algumas raparigas merecem levar uma bofetada dos namorados.                       | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>     | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 3. Não é correcto um rapaz bater na namorada.  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>     | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 4. Por vezes os rapazes não conseguem evitar dar murros na namorada.                 | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>     | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 5. Não existe nenhuma razão para um rapaz empurrar a namorada.                       | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>     | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 6. Por vezes um rapaz não consegue evitar bater na namorada quando ela o irrita.     | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>     | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 7. Não existe nenhuma razão para um rapaz dar uma bofetada à namorada.               | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>     | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 8. Por vezes o ciúme põe um rapaz tão louco que ele bate na namorada.                | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>     | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 9. As raparigas que traem os namorados merecem ser esbofeteadas.                     | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>     | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 10. Por vezes, o amor faz com que um rapaz fique tão louco que ele bate na namorada. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>     | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 11. Normalmente um rapaz não bate na namorada a não ser que esta mereça              | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>     | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 12. Um rapaz pode bater na namorada se ela merecer.                                  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>     | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

## Parte C

|  | DISCORDO TOTALMENTE      | DISCORDO                 | NÃO CONCORDO NEM DISCORDO | CONCORDO                 | CONCORDO TOTALMENTE      |
|--|--------------------------|--------------------------|---------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1. Quando um rapaz paga a conta num encontro pode pressionar a namorada para ter relações sexuais com ele.               | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 2. Os rapazes não são donos do corpo das namoradas.  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 3. Quando os rapazes ficam muito excitados sexualmente, não conseguem evitar ter relações sexuais.                       | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 4. Os rapazes nunca devem embriagar as namoradas para conseguirem ter relações sexuais com elas.                         | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 5. Um rapaz não deve tocar na namorada a não ser que ela queira.   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 6. Um rapaz pode forçar a namorada a beijá-lo.   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 7. Às vezes os rapazes têm de ser brutos com as namoradas para as excitarem.   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 8. Para provar o seu amor uma rapariga deve ter relações sexuais com o namorado.   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 9. Uma rapariga que entra no quarto de um rapaz está a concordar ter relações sexuais com ele.                           | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 10. Não tem mal pressionar uma rapariga para ter relações sexuais.   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 11. Não tem mal pressionar uma rapariga para ter relações sexuais se ela já teve relações no passado.                    | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 12. Depois de um casal assumir um compromisso, o rapaz não tem o direito de forçar a namorada para ter relações sexuais. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

## Parte D

|   | DISCORDO TOTALMENTE      | DISCORDO                 | NÃO CONCORDO NEM DISCORDO | CONCORDO                 | CONCORDO TOTALMENTE      |
|---|--------------------------|--------------------------|---------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1. Não existe nenhuma desculpa para uma rapariga ameaçar o namorado.          | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 2. Não existe nenhuma razão para uma rapariga insultar o namorado.            | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 3. As raparigas têm o direito de dizer aos namorados como se devem vestir.    | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 4. Um rapaz deve fazer sempre o que a namorada lhe diz para fazer.            | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 5. Se uma rapariga berrar e gritar com o namorado, não o magoa a sério.       | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 6. As raparigas têm o direito de dizer aos namorados o que fazer.             | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 7. É importante que um rapaz se vista sempre da forma que a namorada quer.    | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 8. Por vezes as raparigas não conseguem evitar insultar os namorados.         | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 9. Um rapaz deve pedir sempre autorização à namorada para sair com os amigos. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 10. Uma rapariga pode dizer mal do namorado.                                  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 11. É normal uma rapariga gritar com o namorado quando fica furiosa.          | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 12. Por vezes as raparigas têm de ameaçar os namorados para eles as ouvirem.  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 13. Uma rapariga não deve controlar o que o namorado veste.                   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

## Parte E

|   | DISCORDO<br>TOTALMENTE   | DISCORDO                 | NÃO CONCORDO<br>NEM DISCORDO | CONCORDO                 | CONCORDO<br>TOTALMENTE   |
|---|--------------------------|--------------------------|------------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1. Uma rapariga pode bater no namorado se ele merecer.                                | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>     | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 2. Não tem mal se uma rapariga empurrar o namorado.                                   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>     | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 3. Por vezes, as raparigas não conseguem evitar dar murros nos namorados.             | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>     | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 4. Alguns rapazes merecem levar uma bofetada da namorada.                             | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>     | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 5. Por vezes, uma rapariga tem de bater no namorado para ele a respeitar.             | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>     | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 6. Normalmente uma rapariga só bate no namorado quando ele merece.                    | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>     | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 7. Uma rapariga não deve bater no namorado, independentemente do que ele tenha feito. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>     | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 8. Não existe nenhuma razão para um rapaz levar uma bofetada da namorada.             | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>     | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 9. Puxar o cabelo é uma boa forma de uma rapariga se vingar do namorado.              | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>     | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 10. Nunca está correcto uma rapariga dar uma bofetada ao namorado.                    | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>     | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 11. Algumas raparigas têm que bater nos namorados para serem ouvidas.                 | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>     | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 12. Um rapaz deve terminar o namoro com uma rapariga se esta o esbofetear.            | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>     | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

**Anexo VII** - Questionário de Dependência Emocional - Lemos M. & Londoño, N. H. (2006), versão portuguesa de Rodrigues, A., & Arantes, J. (2021).

Instruções: Abaixo, encontrará algumas afirmações que uma pessoa poderia usar para se descrever em relação aos seus relacionamentos amorosos. Por favor, leia cada frase e decida o quanto ela o(a) descreve. Quando não tiver a certeza, baseie a sua resposta no que sente, e não no que acha que é correto.

Escolha a pontuação de 1 a 6 que melhor o(a) descreva de acordo com a seguinte escala:

- 1 - Completamente falso sobre mim
- 2 - Maioritariamente falso sobre mim
- 3 - Ligeiramente mais verdadeiro que falso
- 4 - Moderadamente verdadeiro sobre mim
- 5 - Maioritariamente verdadeiro sobre mim
- 6 - Descreve-me perfeitamente

|  |   |   |   |   |   |   |
|--|---|---|---|---|---|---|
| 1. Quando estou sozinho(a), sinto-me desamparado(a).   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 2. A ideia de ser abandonado(a) pelo meu companheiro(a) preocupa-me.   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 3. Para atrair o(a) meu companheiro(a) tento deslumbrá-lo(a) ou diverti-lo(a).   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 4. Faço tudo o que é possível para ser o centro de atenção na vida do meu companheiro(a).  | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 5. Necessito constantemente de expressões de afeto do meu companheiro(a).  | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 6. Quando o(a) meu companheiro(a) não me liga ou não aparece na hora combinada, fico angustiado(a) a pensar que ele(a) está zangado(a) comigo. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 7. Quando o(a) meu companheiro(a) se ausenta por uns dias, sinto-me angustiado(a).   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 8. Se discuto com o(a) meu companheiro(a) fico com medo que ele(a) deixe de me querer.   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |

|   |   |   |   |   |   |   |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 9. Eu ameacei magoar-me para que o(a) meu companheiro(a) não me deixasse.                   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 10. Sou uma pessoa carente e frágil.  | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 11. Preciso mesmo muito que o(a) meu companheiro(a) seja expressivo comigo.                 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 12. Preciso que o(a) meu companheiro(a) me veja como sendo a pessoa mais especial do mundo. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 13. Quando tenho uma discussão com o(a) meu companheiro(a) sinto-me vazio(a).               | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 14. Sinto-me muito mal se o(a) meu companheiro(a) não expressa constantemente afeto.        | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 15. Tenho medo que o(a) meu companheiro(a) me abandone.                                     | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |

|   |   |   |   |   |   |   |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 16. Se o(a) meu companheiro(a) quer fazer algo comigo, eu desmarco todas as atividades que tinha combinado para estar com ele(a). | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 17. Não me sinto tranquilo(a) quando não sei onde está o(a) meu companheiro(a).   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 18. Sinto uma sensação de vazio quando estou sozinho(a).  | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 19. Não tolero a solidão.   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 20. Sou capaz de fazer coisas imprudentes, como arriscar a minha vida, para manter o amor do(a) meu companheiro(a).               | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 21. Se tenho outros planos e o(a) meu companheiro(a) aparece, acabo por mudá-los só para estar com ele(a).                        | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 22. Quando tenho um relacionamento, eu afasto-me dos meus amigos.   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 23. Só me divirto quando estou com o(a) meu companheiro(a).   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |